

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

OS SIGNIFICADOS DO CORPO PARA AS PESSOAS ADEPTAS DAS
MODIFICAÇÕES CORPORAIS EXTREMAS

LEONARDO LOECK

Porto alegre, junho de 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

OS SIGNIFICADOS DO CORPO PARA AS PESSOAS ADEPTAS DAS
MODIFICAÇÕES CORPORAIS EXTREMAS

LEONARDO LOECK

Monografia apresentada à Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção de grau de licenciado em Educação Física.
Orientador: Prof. Alex Branco Fraga

Porto alegre, junho de 2010

RESUMO

Este trabalho trata de práticas de modificações corporais extremas que alteram radicalmente a forma e a imagem do corpo, tais como tatuagens, *piercings*, *brandings*, escarificações, alargadores, nulificações entre outros. Tem como objetivo interpretar quais são os significados do corpo para as pessoas que são adeptas das modificações corporais extremas, as influências sócio-culturais que levam alguns jovens a realizar tais práticas e o comportamento dessas pessoas. Para dar conta destas intenções, optou-se pelo estudo de caso coletivo, com entrevistas semi-estruturadas tratadas como narrativas e uma observação de campo. Por apresentarem acentuadas diferenças corporais em relação ao padrão socialmente aceito, esses indivíduos acabam sofrendo preconceito e pressão (velada ou direta) para que ajustem seus corpos à norma, deixando evidente que a propalada “liberdade de expressão” esbarra em formas de controle pouco visíveis, mas muito precisas. Alguns jovens utilizam este tipo de modificações como uma forma de mostrar que pertencem a determinadas tribos urbanas, para se identificarem com os demais componentes, mas, um dos principais objetivos ao modificar extremamente o corpo é construir uma identidade, que é criada com base nas diferenças em relação aos demais indivíduos. Para essas pessoas, o corpo torna-se um projeto, que é construído para dar forma à identidade, se expressar, aumentar a auto-estima entre outros e, muitas vezes, acaba se tornando um projeto sem fim. Interpretando as respostas dos sujeitos entrevistados foi possível constatar que eles modificam extremamente o corpo com o intuito de se diferenciar dos demais, construir uma identidade, buscar uma individualidade, se sentir mais bonito, mostrar que pertencem a uma tribo urbana, contar histórias de suas vidas, se expressar através da arte, se comunicar, superar limites e também representar um ritual de passagem.

ABSTRACT

This paper deals with extreme body modifications practices, which radically change the shape and the image of the body, such as tattoos, piercings, brandings, scarification, reamers, nullifications, among others. The objective of this research is to understand and interpretate what are the meanings of the body for people who are devotees of extreme body modifications, as well as the socio-cultural influences that lead some young people to perform such practices and about the behavior of these people. To realize these aims, a collective study was chosen, with semi-structured interviews treated as narratives, besides a field observation. Because these people present significant differences compared to the standard body socially acceptable, these individuals end up suffering prejudice and pressure (directly or not) to fit their bodies to the standard, making it clear that the so-called "free speech" collides with not well seen forms of control, but they are very precise. Some young people use this type of body modification as a way to show that they belong to certain urban tribes, to identify themselves with the other components of these groups, however one of the main objectives to perform extreme body modifications is to build an identity, which is created based on the differences from the other individuals. For these people, their body becomes a project, that is built to form the identity, to express themselves, to increase the self-esteem, among others, and often ends up becoming a project without an end. Interpreting the answers of the interviewees was possible to understand that they perform extreme body modifications in order to differentiate themselves from others, to build an identity, to search for their individuality, to feel beautiful, besides to show that they belong to an urban tribe, as well as telling stories of their lives and express themselves through art, to communicate, overcoming limits and also representing these practices represent a rite of passage.

Sumário

1 INTRODUÇÃO	07
2 REVISÃO DE LITERATURA	12
2.1 O corpo	12
2.2 as modificações corporais extremas	15
3 METODOLOGIA	24
4 DISCUSSÃO	30
4.1 Corpos espetaculares	30
4.2 A observação: construindo o corpo	32
4.3 O projeto de lei 7703/2006	36
4.4 O preconceito contra o corpo extremamente modificado	39
4.5 As modificações corporais dentro das tribos urbanas	43
4.6 <i>Body modifications</i> : identidade e diferença	47
4.7 Os significados do corpo modificado	52
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
REFERÊNCIAS	69
APÊNDICES	72

Lista de figuras

Figura 1: “O homem-caveira”	16
Figura 2: Erik Sprague	17
Figura 3: Suspensão corporal	18
Figura 4: Tatuagem cômica	19
Figura 5: Stelarc e a prótese de orelha implantada no braço	32
Figura 6: Revista tatuada na coxa	62

1 INTRODUÇÃO

Entende-se por modificações corporais extremas as práticas que alteram radicalmente a forma natural do corpo com desenhos, jóias, cortes, queimaduras, mutilações, etc. As práticas mais comuns são a tatuagem, o uso de *piercings*, as escarificações, os *brandings*, os alargadores entre outras.

O hábito de utilizar modificações corporais está presente na humanidade há milênios. Em 1991, foi encontrado um “homem de gelo” nas geleiras de Schnalstal, nos Alpes italianos. Este homem teve seu corpo razoavelmente preservado, tornando possível a observação da presença de tatuagens em suas costas e atrás dos joelhos. Estima-se que este ser vivia na Terra no ano de 2.500 a.C. e é a evidência mais antiga da utilização de marcações corporais. Os egípcios também utilizavam essa prática corporal desde cerca de 2.160 a.C., período do primeiro vestígio de uma escarificação. No Ocidente, a tatuagem surge com um caráter marginal. Os gregos utilizavam as tatuagens para marcar os escravos com o nome dos seus donos; os romanos tatuavam os legionários com o nome de seu general. No século XVIII, viajantes e marinheiros passaram a tatuar sua pele, seduzidos por essa arte corporal praticada por distintos povos aborígenes. “No século XIX e no início do século XX, setores marginais da sociedade, como presidiários, meretrizes e soldados apropriaram-se da tatuagem” (PÉREZ, 2006).

Nos dias atuais, as pessoas que fazem uso das modificações corporais extremas¹ (*body modifications*) aparecem constantemente nos meios de comunicação, em programas como o domingão do Faustão, Pânico na tv, Tribos ou em reportagens de telejornais, jornais e revistas. Esses jovens marcam seus corpos com inúmeras tatuagens, *piercings*, escarificações e outras modificações corporais, provocando certo “choque” nas pessoas consideradas “normais”. É

¹ o termo “modificações corporais extremas” está considerando indivíduos que possuem qualquer tipo de escarificação, branding ou nulificação, mais de 6 piercings e/ ou que apresente mais de 4 tatuagens, mas uma tatuagem que ocupe praticamente um membro inteiro (que deixe poucos espaços da pele sem o desenho) também será considerada.

extremamente relevante, além de ser uma interessante discussão, procurar compreender qual a visão que esses jovens possuem de seus corpos, quais os significados desses corpos modificados, considerando que, para a maioria das pessoas, essas marcações excessivas são muito radicais, mutiladoras, tornam a pele muito diferente. Acredita-se que isso gere um preconceito social contra a pequena parte da população que se utiliza de modificações corporais extremas. Porém, o principal motivo desse preconceito deve-se ao fato de que a maioria das pessoas não compreende os motivos que levam alguns jovens a utilizar as *body modifications*. Através do presente trabalho, procura-se identificar e analisar os processos que levam os jovens a modificar tanto o corpo, com vista a entender os significados presentes nesse universo das modificações corporais extremas.

Para Merleau-Ponty (1994), o corpo é uma forma de expressão, pleno de intencionalidade e poder de significação. Esses jovens utilizam o corpo para expressar idéias, pensamentos e atitudes. Os desenhos aplicados na epiderme, geralmente, possuem significados muito fortes para quem os possui e demonstram que esses indivíduos apresentam uma concepção de corpo diferente da maioria da sociedade. Eles não buscam o padrão de beleza que aparece na mídia, tentam ser diferentes, fazem modificações que, não raro, os acompanharão para o resto da vida, marcas que não podem ser apagadas facilmente. Essas marcas são símbolos usados como forma de comunicação, para tentar passar uma mensagem sobre algo que é de extrema importância para quem as utiliza.

“Pensar no corpo como algo produzido pela cultura é, simultaneamente, um desafio e uma necessidade” (GOELLNER, 2005, p.1). Não se pode pensar no indivíduo de uma forma isolada, pois ele pertence a algo maior, ele está inserido na sociedade e é por ela influenciado. O corpo é um reflexo da cultura, que se molda a partir de costumes, tradições e ideais da cultura. Existem tribos urbanas em que as modificações corporais são bem vistas, tribos como os *punks*, góticos, motoqueiros, metaleiros, *new metals*, *clubbers* entre outras. Jovens que pertencem a esses grupos buscam nas *body modifications* uma forma de se identificar uns com os outros. Eles querem ser diferentes da sociedade; porém, iguais entre si, mantendo a identidade de sua tribo pela identidade conferida a

cada individuo e vice-versa. As mudanças corporais fazem parte da cultura desses grupos, por isso se torna importante a interpretação dos motivos pelos quais eles se utilizam de tais práticas, com o objetivo de se conhecer um pouco sobre suas idéias, a forma de se expressarem, suas atitudes e comportamentos.

Há um efeito recíproco entre as coisas que o grupo usa e as atividades que estruturam e definem seu uso. Os objetos se tornam homólogos [...] a seus problemas e à sua auto-imagem. O grupo passa assim a ser simbolizado pelas peças que usa, e o estilo torna-se uma significativa manifestação da identidade do grupo (ABRAMO, 1994, p.88).

Com desenhos, *piercings* e cortes aplicados em suas peles, tentam incorporar sua tribo em seus corpos, com os caracteres e os símbolos dessa tribo. Esses símbolos podem até ser de cunho político, utilizando-se, por exemplo, da simbologia anarquista, comunista, nazista etc. As marcações corporais são usadas para reforçar a identidade, para que o indivíduo se torne reconhecível a partir de idéias e formas que habitam seu inconsciente. “A utilização do conceito de identidade nos permite desvelar os indivíduos, grupos ou coletividades, localizá-los no tempo e no espaço ‘identificando-os’ como estes ou outros” (MAHEIRIE, 2002). Entretanto, a identidade de um grupo não é marcada apenas pelos elementos que os indivíduos possuem em comum, mas também pelo que eles apresentam de diferente. “A identidade *depende* da diferença” (WOODWARD, 2007, p.40). É na busca por ser diferente que as pessoas com modificações corporais constroem suas identidades. Mas do que, ou, de quem, essas pessoas diferenciam-se? Qual identidade é tida como normal? De acordo com Louro, “no Brasil, operamos explicita ou implicitamente com uma identidade referência: o homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão” (LOURO, 2000, p.68). É possível acrescentar a essas características, a pele sem tatuagens, *piercings*, cortes e cicatrizes, modificações que são utilizadas pelos sujeitos estudados neste trabalho.

Há ainda um ponto muito importante para ser abordado neste trabalho, algo que está gerando muita polêmica no universo das modificações corporais. Trata-

se do projeto de lei 7703 – conhecido como “ato médico” - que implica que as práticas de “invasão corporal” como acupuntura, *peeling* facial, tatuagens e outras modificações corporais abordadas neste trabalho só poderão ser realizadas sob supervisão médica. A polêmica deve-se ao art. 4º parágrafo III, o qual cita que são atividades privativas dos médicos a “indicação da execução e execução de procedimentos invasivos, sejam diagnósticos, terapêuticos ou estéticos, incluindo os acessos vasculares profundos, as biópsias e as endoscopias” (Projeto de Lei 7703/2006). Este parágrafo não é muito claro, dá margens para que possa ser interpretado que os procedimentos de modificações corporais necessitem de supervisão médica. É possível encontrar muitas declarações contrárias à esse projeto de lei em fóruns na internet. Tatuadores, enfermeiras, acupunturistas entre outros, reclamando que isso é corporativismo da parte dos médicos, que vai encarecer o custo para fazer uma tatuagem etc. É importante saber qual é a opinião dos indivíduos que possuem modificações corporais sobre este assunto.

A discussão sobre o que é ser “normal” e o que é ser estranho será uma peça fundamental neste trabalho cujo tema trata de pessoas consideradas “estranhas” pela sociedade, mas como é uma pessoa considerada normal pela sociedade? Mais ainda: quando ela deixa de ser normal e torna-se estranha? O programa “Tribos” do canal Multishow realizou uma matéria sobre a tribo dos praticantes de *body modification*. Nesta matéria um sujeito com o corpo extremamente modificado, com muitas tatuagens em locais como o rosto e o céu da boca, *piercings*, implantes no peito e um alargador de 40mm no lábio inferior, fez uma afirmação muito interessante: “quero modificar totalmente a minha aparência humana”. Pode-se afirmar que é clara a intenção de ser estranho que este indivíduo apresenta.

O corpo estranho e o corpo tido como norma são construções sociais. Em muitas tribos africanas é comum utilizar elementos que modificam o corpo extremamente. Porém, na sociedade ocidental um corpo estranho pode, muitas vezes, gerar certo repúdio. O corpo estranho é construído em um processo semelhante à identidade diferente, ou seja, quando esse corpo se diferencia do corpo do homem branco heterossexual, de classe média urbana, cristão e sem

tatuagens, *piercings*, cortes e cicatrizes. Entretanto, é necessário não pensar o normal e estranho como oposição binária em relação ao corpo, pois ele vai se tornando estranho num processo gradual, de acordo com as modificações que vai sofrendo. Não há um determinado ponto que demarque que o corpo deixou de ser normal e se tornou estranho, ainda mais que isso também é uma questão subjetiva, depende dos diferentes olhares de cada pessoa. Cada um pode interpretar o normal e o estranho de maneiras diferentes, mas sempre com a influência de sua cultura.

Os professores, como também os profissionais da área de educação física, por terem o corpo como objeto de estudo e trabalharem com o tema, precisam estar cientes que existem diferentes concepções de corpo. O significado do corpo para as pessoas adeptas das modificações corporais extremas é, possivelmente, muito diferente da maioria da população. A interpretação dos significados desses corpos é de fundamental importância para aprofundar o conhecimento sobre a corporeidade e para compreender o universo de quem pratica as *body modifications*.

Este trabalho tem como objetivo interpretar quais são os significados do corpo para as pessoas que são adeptas das modificações corporais extremas, tais como: tatuagens, *piercings*, escarificações, nulificações, *brandings* entre outras, as influências sócio-culturais que levam alguns jovens a realizar tais práticas e o comportamento dessas pessoas.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 O corpo

É através do corpo que percebemos o mundo e é por ele que somos julgados pela sociedade, pois sua aparência e estrutura revelam muitas coisas sobre quem somos. Ele é a nossa imagem. Analisando o corpo, podemos descobrir muitos aspectos sobre determinado indivíduo, como indícios sobre que classe social pertence, faixa etária, estado de saúde, bem como adequação – ou não – aos padrões sociais e de beleza da sociedade a qual pertence, ou se é um rebelde, etc.

“O corpo é o mais natural, o mais concreto, o primeiro e o mais normal patrimônio que o homem possui” (RODRIGUES, 1986, p.47). Este patrimônio ao qual se refere o autor só pertence a uma pessoa, só apresenta um dono. Sendo assim, o ser humano pode modificar o corpo de muitas maneiras, como através do uso de tatuagens, *piercings*, escarificações e *brandings*, da colocação de implantes, ou mesmo pintando ou cortando os cabelos e as unhas, engordando, emagrecendo, hipertrofiando os músculos, bifurcando a língua ou até mesmo amputando partes do corpo. “Há, de fato, uma miríade de finalidades relacionadas às modificações corporais e elas sempre indicam os limites e os sonhos de cada indivíduo e de cada sociedade” (SANT’ANNA, 2000, p.50).

De acordo com Merleau-Ponty

Habituar-se a um chapéu, a um automóvel ou a um bastão é instalar-se neles ou, inversamente, fazê-las participar da voluminosidade do corpo próprio. O hábito exprime o poder que temos de dilatar nosso ser no mundo, ou de mudar de existência anexando-nos novos instrumentos (MERLEAU-PONTY apud FREITAS, 1999, p. 53).

Se determinada peça de roupa ou mesmo objeto passa a *fazer parte* do corpo, esse processo é ainda maior com a tatuagem e as outras modificações corporais, pois é possível tirar e até jogar fora a qualquer hora um chapéu, uma

peça de roupa, uma jóia ou bijuteria, mas as tatuagens não saem da pele. As modificações corporais são incorporadas pelo sujeito, mudando sua aparência, muitas vezes de forma radical e permanente, como é o caso das pessoas que serão analisadas neste trabalho.

Não podemos pensar o corpo como algo estritamente biológico, ele transcende este aspecto, pois está inserido dentro de uma sociedade e faz parte da cultura dela.

O corpo humano supera o corpo biológico do animal e atinge a dimensão da cultura. Por ser um corpo capaz de fabricar, de conferir significados e de criar hábitos, ele dilata-se no espaço e é um corpo dinâmico em suas relações no mundo (FREITAS, 1999, p.53).

É importante entender o corpo como resultado provisório de diversas pedagogias que o conformam em determinadas épocas e lugares; marcado muito mais pela cultura do que por uma presumível essência natural; que adquire diferentes sentidos no momento em que é investido por um poder regulador que o ajusta em seus menores detalhes, impondo limitações, autorizações e obrigações, para além de sua condição fisiológica (FRAGA, 2004, p.63)

O corpo possui formas diferentes em sociedades diferentes, carregando também significados diferentes. Ele é construído de acordo com as normas de sua sociedade, “é afetado pela religião, pela ocupação, pelo grupo familiar, pela classe e outros intervenientes sociais e culturais” (Rodrigues, 1986, p. 45).

Rodrigues afirma que:

A cultura adquire, ou funda, o seu próprio sentido, aos olhos de seus membros, a partir do momento que se opõe a Natureza, ou melhor, a um conceito de natureza culturalmente fabricado. Por meio deste artifício, a cultura cria os seus contornos externos, instituindo os seus limites e a sua fisionomia própria (RODRIGUES, 1986, p.43).

Muitos jovens, adeptos das modificações corporais extremas, utilizam essas técnicas por motivações de ordem sócio-cultural. Na cultura dessas tribos urbanas, às quais esses indivíduos pertencem, é normal possuir modificações corporais. Não possuir nenhuma modificação corporal é que pode até parecer estranho.

Para Rodrigues:

O corpo porta em si a marca da vida social, expressa-o a preocupação de toda a sociedade em fazer imprimir nele, fisicamente, determinadas transformações que escolhe de um repertório cujos limites virtuais não se podem definir. Se considerarmos todas as modelações que sofre, constataremos que o corpo é pouco mais que uma massa de modelagem à qual a sociedade imprime formas segundo suas próprias disposições: formas nas quais a sociedade projeta a fisionomia do seu próprio espírito (RODRIGUES, 1986, p. 62).

Indivíduos que pertencem a uma mesma cultura tendem a modelar seus corpos seguindo um determinado padrão, a fim de se identificarem uns com os outros. Modificando seus corpos, os sujeitos que fazem parte das tribos urbanas das *body modifications* carregam signos que demonstram que eles pertencem a sua cultura, que concordam com seus princípios.

Segundo Heilborn (1997), o corpo é uma dimensão produzida pelos efeitos da cultura. O modo como percebemos o corpo é influenciado pelos significados e elaborações culturais que um determinado ambiente social nos dá. O significado de corpo varia de acordo com a sociedade. Portanto, o corpo dos indivíduos que pertencem às tribos que utilizam as *body modifications*, possui significados diferentes em relação ao corpo da maioria da população, pois se trata de um corpo muito diferente. O corpo, para eles, pode ser um modo para se expressar através da arte, para pertencer a um grupo, para diferenciar-se das outras pessoas, para sentir-se mais bonito, para mostrar revolta contra algo ou alguém, para aliviar tensões de uma forma catártica através da dor e, ainda, possuir muitos outros significados, pois essa é uma questão subjetiva, cada pessoa pode apresentar significados únicos.

Com as práticas das modificações corporais, os indivíduos acabam desenvolvendo a consciência corporal e obtendo um maior poder sobre o próprio corpo. Com esse poder sobre seu corpo, a pessoa pode moldar sua identidade conforme a sua vontade, pois como afirma Sant'Anna (2000), o corpo é o registro mais fiel daquilo que consideramos "a nossa identidade".

O corpo pode ser utilizado também como uma forma de resistência, quando tenta fugir de um padrão ou um modelo de corpo que aparece nos diferentes tipos de mídias e nas ruas. A resistência "inclui modos de contestar ou de não aceitar o conjunto de máximas estabelecidas para a vida cotidiana. [...] Porque [as pessoas] experimentam uma necessidade inconsciente que as faz assumir posições de sujeito e práticas corporais alternativas" (LUPTON, 2000, p.18). As pessoas que utilizam as modificações corporais de uma forma extrema buscam, muitas vezes, diferenciar-se dos demais, resistindo a um modelo de corpo que aparece na mídia, um corpo que não é "lotado" de tatuagens, piercings, cortes e cicatrizes.

2.2 As modificações corporais extremas

As modificações corporais extremas são procedimentos cirúrgicos voluntários que deixam marcas no corpo, causando alterações na forma e na imagem corporal. São realizadas em pessoas que não se importam em sentir dor para mudarem seus corpos. Existem pelo mundo casos de mudanças muito extremas: indivíduos que procuram mudar sua forma humana, como o já citado homem-lagarto. Porém, ele não é o único, há ainda outros exemplos interessantes, como um homem que fez uso das *body modifications* para se parecer com um tigre, outro para se parecer com uma zebra e até um jovem que tatuou sua pele com desenhos de ossos para ficar parecido com um esqueleto, além de muitas outras pessoas. No Brasil, também há casos que chamam a atenção, como a jovem que vem realizando tatuagens baseadas nas manchas das vacas holandesas e a recordista mundial no número de *piercings*.



Figura 1: “O homem-caveira”.

Segue a baixo, os principais tipos de *body modifications*:

- **Tatuagem:** é o tipo de modificação corporal mais difundido. Trata-se de um desenho permanente feito na pele, através de aplicações subcutâneas realizadas por uma agulha. Atualmente, já existem cirurgias para remoção de tatuagens, mas podem deixar cicatrizes ou mudar a cor da pele no local. É comum encontrar pessoas com tatuagens no braço, nas costas e nas pernas, mas existem tatuagens em locais do corpo que não são muito normais, como nos lábios, no céu da boca e até nos olhos.

- **Piercing:** é uma abertura ou um furo no corpo onde é inserida uma jóia. Assim como a tatuagem, o piercing é um tipo de body modification muito popular.

- **Escarificação:** cortes realizados com um bisturi com o intuito de realizar um desenho ou uma marca sobre a pele. Os desenhos são formados pelas cicatrizes geradas pelos cortes.

- **Branding:** cicatrizes geradas pela aplicação de ferro quente na pele. As cicatrizes oriundas das queimaduras acabam formando um desenho que foi escolhido pela pessoa.

- **Nulificação:** remoção voluntária de partes do corpo, como dedos, orelhas, dentes ou membros.

- Implantes subcutâneos: implante de um objeto, geralmente de silicone, sob a pele, formando um alto relevo.
- Implantes transdermais: implantes de aço cirúrgico entre a gordura da pele e o músculo, ficando uma parte do objeto dentro da pele e a outra parte, exposta.
- Bifurcação da língua: procedimento cirúrgico que divide a língua em duas partes.
- Alargadores: são *plugs*, pedaços de madeira, brincos ou outros materiais que são usados para alargar buracos realizados nas orelhas, nos lábios ou nas narinas.
- Suspensão corporal: não é exatamente uma modificação corporal, é um ritual onde o sujeito é suspenso por um determinado período por alguns ganchos que perfuram sua pele. A suspensão é geralmente praticada por indivíduos que possuem modificações corporais.



Figura 2: Erik Sprague, “o homem lagarto”, com suas tatuagens verdes, língua bifurcada, alargador na orelha e implantes subcutâneos nas sobrancelhas.

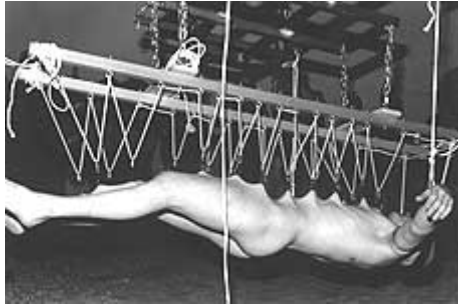


Figura 3: suspensão corporal.

As pessoas adeptas das modificações corporais extremas apresentam uma necessidade de diferenciar-se dos demais, de alterar as formas e contornos de seus corpos a fim de saciar seus desejos que muitas vezes estão no inconsciente. Elas usam o corpo para expressarem-se, para exteriorizar o que está guardado na mente ou na alma. Muitas vezes, o corpo torna-se uma forma de expressão artística, um quadro que carrega pinturas que expressam sentimentos.

A arte, independentemente do tipo de linguagem que utilize, possui um vocabulário que permite evocar e trazer à tona, mesmo que de forma não muito clara, imagens e sensações mantidas no inconsciente. Através desse processo, ela busca resgatar a tradução primeira de cada indivíduo e de todos eles (PIRES, 2005, p. 60).

Essa arte acompanha o sujeito aonde ele for, fazendo parte dele, pois está em seu corpo. Na maioria dos casos, as marcas que são adquiridas não podem ser removidas. Este caráter definitivo das *body modifications* é o que faz com que muitas pessoas deixem de realizar essas práticas. Porém, os indivíduos que apresentam muitas modificações corporais não se preocupam com este caráter definitivo, alguns acabam se viciando em modificar o corpo, alegando sentir prazer em cada nova modificação obtida.

Existem algumas modificações corporais que apresentam um caráter lúdico, como tatuagens com desenhos cômicos, que muitas vezes utilizam-se de algumas partes do corpo estrategicamente selecionadas para dar graça. Há muitos exemplos que circulam pela Internet – sejam esses espaços virtuais voltados para

o humor ou voltados para o público de tatuadores e tatuados – e livros e revistas com exemplos de tatuagem, exemplos como o desenho de um rapaz com um cortador de grama localizado na cabeça de um careca, animais de costas tatuados na barriga para o umbigo representar o anus desses animais e, também, diversas frases humorísticas tatuadas. Há ainda algumas pessoas que utilizam dois tipos de modificações corporais unidas para formar uma imagem engraçada, como um rapaz que tatuou um desenho de uma mulher em seu corpo e colocou dois implantes em formato de esfera na região dos seios dela. Além dessa característica, as modificações apresentam um caráter lúdico quando os indivíduos as utilizam como uma forma de brincar com o corpo, colecionando tatuagens de diversas cores e alterando as formas do corpo. Isso acaba gerando prazer, modificar o corpo torna-se uma forma de diversão.



Figura 4: tatuagem cômica.

Penso que, para além do medo da dor, o que choca, o que incomoda ou fascina na visão dos corpos modificados é a postura e a coragem de brincar, de experimentar, de vivenciar o inconsciente, que os adeptos das transformações corporais se permitem. Um fato corriqueiro na vida do sujeito que possui modificações visíveis, independentemente da sua formação e do seu preparo para exercer determinadas atividades, é o de não conseguir emprego, salvo no

meio artístico. Parece estar implícito que o indivíduo não pode ser levado a sério (PIRES, 2005, p.90).

Muitas pessoas possuem preconceito contra indivíduos que apresentam corpos diferentes, corpos estranhos. Fato que é exemplificado no filme “O homem elefante” de David Lynch, onde um sujeito que nasceu com uma doença rara, tem terríveis deformidades em 90% de seu corpo, e acaba sofrendo preconceitos da sociedade e sendo forçado a se exhibir num “circo de aberrações”. Quem pratica as modificações corporais já sabe que enfrentará preconceitos, pois não são práticas bem aceitas pela sociedade. Por não serem bem aceitas pela sociedade, muitas empresas acabam optando por não contratar indivíduos que apresentam *body modifications* visíveis.

Durkin e Houghton (2000) *apud* Tate *et al* (2008) apresentou um estudo onde 340 crianças, com idade entre 6 a 16 anos, tiveram que analisar uma série de desenhos que representavam três homens e, um deles, apresentava uma tatuagem visível. Abaixo de cada série de três desenhos, havia uma declaração que afirmava que um dos homens havia cometido uma ação positiva, negativa ou neutra. Os autores relataram que um número significativamente maior de ações negativas (como por exemplo: bateu em alguém, usa drogas, carrega uma faca, odeia a polícia, é um causador de problemas e está sempre a procura de uma luta) foram atribuídas ao desenho do homem que apresentava uma tatuagem visível. Este estudo demonstra bem o preconceito contra as pessoas que realizam *body modification*, indicando ainda que desde crianças elas apresentam esse preconceito.

Alguns estudos indicam que a utilização de modificações corporais está associada com o envolvimento em algumas atividades de risco, incluindo o uso de drogas e álcool, atividades sexuais sem proteção, problemas escolares, comportamento criminoso, violência e suicídio (BRAITHWAITE, ROBILLARD, WOODRING, STEPHENS, & ARRIOLA, 2001; CARROL *et al.*, 2002; GRIEF & HEWITT, 1998; LOIMER & WERNER, 1992 *apud* ROBERTI *et al*, 2004). Outro estudo indicou ainda que estudantes universitários que possuem tatuagens estão mais propensos a identificarem-se como aventureiros, criativos, artísticos,

individualistas, e com comportamento mais perigoso do que indivíduos sem tatuagens (DREWS, ALLISON, & PROBST, 2000 *apud* ROBERTI *et al*, 2004). Von Wiederhold (1995) *apud* Tate *et al* (2008) reportou que os indivíduos entrevistados em seu trabalho que possuíam piercings apresentaram escore significativamente maior do que os indivíduos sem piercings nas escalas anti-sociais e de psicoticismo.

Contudo, não são todos os estudos que apresentam este padrão de resultados. Forbes (2001) *apud* Tate *et al* (2008) apontou que indivíduos com modificações corporais não apresentaram diferença significativa do que indivíduos sem modificações corporais na comparação de alguns traços de personalidades que foram analisados neste estudo. Von Wiederhold (1995) *apud* Tate *et al* (2008) reportou que indivíduos que não possuíam *piercings* apresentaram escores significativamente maiores do que indivíduos que possuíam *piercings* em escalas de depressão, ansiedade, paranóia, dependência e distímia. Estes estudos mostram que não há um consenso em relação ao comportamento de indivíduos que utilizam modificações corporais. Isto pode ocorrer por uma diferença nas metodologias utilizada nos diferentes trabalhos ou, pelo comportamento desses indivíduos serem muito distintos, pois cada um deles pode ter diferentes motivos para utilizar as *body modifications*.

Neste presente trabalho, as pessoas que utilizam modificações corporais não foram comparadas com as pessoas que não utilizam e, também não foram realizados questionários, como ocorreu nestes estudos citados. Entrevistas semi-estruturadas foram realizadas para se compreender melhor o que esses indivíduos pensam, com o intuito de descobrir os significados do corpo para eles e entender melhor o comportamento deles, mas sem analisar sintomas psicológicos, como também ocorreu nestes estudos citados.

Um dos motivos que faz a tatuagem ser discriminada por muitos se deve a sua história, pois ela era usada principalmente por setores marginais da sociedade no século XIX até o início do século XX no ocidente, como os marinheiros, presidiários e meretrizes. Esse caráter marginal ainda acompanha as tatuagens

nos dias atuais, seu passado influencia as concepções de muitas pessoas sobre a tatuagem.

De acordo com Pérez

a tradição de desprestígio e condenação da prática da tatuagem se faz evidente na série de valores "negativos" com os quais ela é relacionada, como aquilo que é sujo, podre, perigoso, proibido e contaminado. [...] A associação feita entre tatuagem e sujeira pode ser vista como uma forma de se reagir socialmente diante de uma situação considerada perigosa, provocadora de desordem, geradora de um tipo de "anormalidade" (PÉREZ, 2006)

A tatuagem e as outras modificações corporais, por alterar o estado natural do corpo, acabam por gerar repúdio em muitas pessoas.

Alterar o corpo, portanto, é gerar um desequilíbrio na ordem das coisas, na ordem regida pelo pensamento religioso de origem judaico-cristã, que concebe a modificação corporal como uma profanação não só do corpo, mas da imagem de Deus. (FALK, 1995 *apud* PÉREZ, 2006)

Tate (2008) relatou em sua pesquisa que os sujeitos com tatuagens apresentaram escores significativamente maiores do que os sujeitos sem tatuagens no que se refere à necessidade de serem únicos, singulares. Muitos sujeitos que utilizam as modificações corporais apresentam esse desejo de diferenciarem-se dos demais. De todas as concepções sobre o corpo que estas pessoas apresentam, a utilização do corpo como forma de se diferenciar dos demais é a mais comum.

De que forma esses sujeitos concebem o corpo? De que significam sua própria aparência? Em tal aspecto as respostas são múltiplas, no entanto, há um aspecto em comum, a qual é a concepção de ser, ver-se e sentir-se distintos dos demais, fora dos padrões estéticos da "sociedade oficial" (VERGARA, 2007, p.109).

As modificações corporais que, por muito tempo foram marginalizadas, estão cada vez mais sendo aceitas pela sociedade. É claro que ainda há muito preconceito, mas a aceitação é um processo progressivo. Nos últimos anos, as modificações corporais vêm sendo reconhecidas como uma forma de arte, mas por outro lado, são consideradas prejudiciais à saúde pelos médicos, sendo vistas como uma forma de agressão ao corpo, já que as tintas das tatuagens são tóxicas e poderiam gerar câncer se ultrapassassem a segunda camada da pele e pelas modificações corporais mais agressivas, como a escarificação, *branding*, nulificação e a bifurcação da língua. A cirurgia para bifurcar a língua, por exemplo, é muito perigosa, pois pode gerar uma perda de sangue excessiva e causar danos aos nervos. As *body modifications* conquistam a admiração de muitas pessoas e o repúdio de muitas outras também, mas elas estão cada vez mais sendo reconhecidas como uma forma de arte.

O fato do American Museum of Natural History ter realizado uma exposição principal sobre a *body art*, incorporando não só imagens da *body art* não ocidental, mas também as tatuagens e piercings ocidentais, significa que esta forma de arte finalmente atingiu o “*mainstream*”. Outras exposições sobre este tema também foram realizadas em outros locais importantes, como por exemplo no Victoria and Albert Museum (SCHILDKROUT, 2004).

As tatuagens, principalmente, já estão bem difundidas entre as pessoas, estão presentes na pele de muitos artistas mundialmente reconhecidos, inclusive da atriz Angelina Jolie, que foi eleita em 2008 pela revista Forbes como a pessoa mais influente do mundo. Nos dias atuais é comum as pessoas utilizarem uma, duas ou três pequenas tatuagens, é algo aceito pela sociedade. Contudo, não é comum os indivíduos apresentarem muitas partes do corpo cobertas por tatuagens, pois altera muito o estado natural do corpo.

3 METODOLOGIA

Este trabalho possui uma abordagem qualitativa e visa responder à seguinte questão norteadora: Quais são os significados do corpo para as pessoas com modificações corporais extremas?

Com esta pesquisa, pretendeu-se investigar os significados e as concepções sobre o corpo que esses indivíduos possuem, analisando semelhanças e diferenças entre as respostas obtidas. A interpretação das influências sócio-culturais que levam alguns jovens a realizar alterações corporais e do comportamento deles tornaram-se extremamente importantes para se compreender qual é o significado do corpo, pois há uma relação entre esses aspectos.

De acordo com Vergara (2007), revelar os significados por trás da pele tatuada pode guiar a uma compreensão deste fenômeno social, que é o universo das modificações corporais. Contudo, os significados não estão escondidos por trás da pele, estão na superfície da mesma, na superfície do corpo.

Foram analisadas as pessoas que apresentam pelo menos um membro de seu corpo coberto por tatuagens ou mais de quatro tatuagens que tenham área maior do que 8cm², mais de seis *piercings* e/ou alargadores ou qualquer escarificação, *branding*, bifurcação na língua ou nulificação, por serem alterações mais radicais. Para encontrar as pessoas que foram entrevistadas, foi realizada uma consulta aos estúdios de tatuagens de Porto Alegre e Canoas (RS) para encontrar os indivíduos com maior número de modificações corporais.

Para interpretar o comportamento desses indivíduos e o significado do corpo foi realizado um estudo de caso, com entrevistas semi-estruturadas e uma observação de campo, rico em dados descritivos para possibilitar que o ponto de vista dos participantes dessas práticas corporais fosse entendido e gerar um conhecimento mais amplo sobre a cultura das pessoas adeptas das modificações corporais extremas. Para Yin (2005), o estudo de caso é uma pesquisa empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real,

em situações em que as fronteiras entre o contexto e o fenômeno não são claramente evidentes, utilizando múltiplas fontes de evidência. Este trabalho caracteriza-se por ser um estudo de caso coletivo, pois foram analisados nove casos, cada caso representado por uma das pessoas entrevistadas. Pretendeu-se interpretar o significado do corpo, as influências sócio-culturais e o comportamento de cada um dos entrevistados, para depois verificar o que há de semelhanças e diferenças.

Stigger afirma que

os comportamentos coletivos não são naturais, mas sim construídos socialmente. [...] por mais estranhos que pareçam, todos os padrões de comportamento de grupos culturais diferenciados possuem significados e *fazem sentido*; ainda que, para decifrá-los, o investigador necessita de os identificar não isoladamente, mas como parte do sistema no qual estão inseridos (STIGGER, 2002).

Com este estudo, pretendeu-se aprofundar a compreensão deste fenômeno que é as modificações corporais extremas, podendo levar à geração de hipóteses para estudos posteriores na área. Stake (2007) enfatiza a importância da construção coletiva do conhecimento científico, os estudos de caso devem situar-se dentro das discussões acadêmicas para não ficarem reduzidos ao recorte de suas próprias pesquisas. Este trabalho dialogou com os conhecimentos e teorias já criados na área, visando a construção coletiva do conhecimento científico. A investigação sobre o significado do corpo para as pessoas adeptas das modificações extremas é de suma importância para a educação física, pois aumenta os conhecimentos sobre corporeidade e possibilita um debate sobre este tema que é tão atual, além de gerar conhecimentos para a área da antropologia, porque a interpretação do comportamento dessas pessoas possibilita uma aproximação à cultura da tribo das *body modifications*.

As entrevistas foram gravadas em um gravador digital, para que nenhuma declaração fosse perdida, transcrevendo-as posteriormente. Nove pessoas (cinco do sexo masculino e quatro do sexo feminino) foram entrevistadas, número que

permitiu uma quantidade satisfatória de respostas diferentes. Todos os entrevistados possuem mais de 18 anos e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido. O nome das pessoas entrevistadas foi mantido em sigilo, nomes fictícios foram utilizados no decorrer do trabalho. Como as modificações corporais apresentam um alto poder de identificação, nenhuma foto dos indivíduos entrevistados está presente neste trabalho, para que a identidade dos mesmos permaneça preservada.

Como o principal objetivo deste trabalho é interpretar o significado do corpo *para* os indivíduos que possuem modificações corporais, as entrevistas foram tratadas como narrativas. As entrevistas contêm relatos das histórias de vida dos entrevistados, suas opiniões e traços de suas identidades. De acordo com Silveira, as entrevistas são eventos discursivos, “forjados não só pela dupla entrevistador/entrevistado, mas também pelas imagens, representações, expectativas que circulam – de parte a parte – no momento e situação de realização das mesmas e, posteriormente, de sua escuta e análise” (2002, p.120). Depois que os dados foram coletados, passaram pela análise e interpretação do autor.

As entrevistas foram realizadas dentro de estúdios de tatuagens e entregues aos entrevistados posteriormente. Os dados obtidos através da realização das entrevistas foram analisados e comparados com as informações da literatura sobre as modificações corporais e sobre a produção corporal contemporânea, para que os significados do corpo, influências sócio-culturais e comportamentos desses indivíduos fossem interpretados e, ainda, para gerar um diálogo com os trabalhos desta área do conhecimento. A discussão deste presente trabalho foi realizada com base nas respostas das pessoas entrevistadas.

Para Duarte (2002), os fragmentos de discursos, imagens, entrevistas, registros de práticas entre outros, constituem traços, elementos em torno dos quais são construídas hipóteses e reflexões, são levantadas dúvidas ou reafirmadas convicções. Esses dados devem ser articulados com o referencial teórico, um processo que foi realizado no presente trabalho.

Os sujeitos entrevistados foram citados como “modificado” ou “modificada” na discussão do trabalho. Segue a baixo o nome fictício de cada um dos sujeitos entrevistados e algumas características dos mesmos:

Elisa – A Elisa trabalha como secretária de um estúdio de tatuagens. Ela não soube dizer quantas modificações corporais possui, pois são muitas, mas disse que tinha muitas tatuagens, vários *piercings* – inclusive um na gengiva e um em cada bochecha - , uma escarificação e um corte de cabelo diferente, com as laterais raspadas e uma franja que parece ter sido inspirada pelas *pin-ups*. Elisa tem 26 anos de idade e afirmou estar contente com o seu corpo, por causa das modificações, mas ainda pretende “fechar” o corpo com modificações corporais, principalmente com tatuagens.

Alberto – O Alberto trabalha como tatuador e possui 26 anos de idade. Não soube dizer quantas modificações corporais possui, por serem muitas. Ele apresenta várias tatuagens pelo corpo, alguns *piercings* e um alargador em cada orelha. Relatou que estava satisfeito com seu corpo, mas que ainda precisa se tatuar mais, “fechar” algumas partes do corpo, pois ainda faltam modificações em seu corpo.

Pablo – O Pablo trabalha como tatuador e *piercer* e possui 28 anos de idade. Ele apresenta 14 tatuagens e um alargador de 28m.m. em cada orelha. Relatou que está satisfeito com seu corpo e que não planeja fazer mais modificações.

Luciano – O Luciano possui 28 anos de idade e trabalha como tatuador e *piercer*. Ele também não soube dizer o número de modificações corporais que possui. Apresenta muitas tatuagens, alguns *piercings*, uma escarificação grande no peito e um alargador em cada orelha, cada alargador com uma abelha morta dentro. Disse estar satisfeito com o corpo que possui, ainda pretende fazer mais tatuagens, mas não quer fazer modificações mais “pesadas”, pois disse ser doloroso demais.

Fabiana – A Fabiana possui 28 anos de idade e trabalha como montadora de eletrônica. Ela não possuía tantas modificações corporais como os outros entrevistados, mas seu antebraço estava “fechado” por uma tatuagem e a sua

canela estava quase “fechada” por outra. No total ela apresenta quatro tatuagens e dois *piercings*. A Fabiana relatou que pretende ainda “fechar” as costas e os braços com tatuagens, encher a orelha com *piercings* e colocar um *piercing* no queixo.

Samuel – O Samuel trabalha como tatuador e *piercer* e possui 32 anos de idade. Ele possui tatuagens em quase todo o corpo – inclusive na cabeça - , alguns *piercings* e um alargador em cada orelha. Samuel pretende “fechar” totalmente o corpo com tatuagens. Afirmou que está satisfeito com seu corpo.

Amanda - A Amanda trabalha como *piercer* e possui 25 anos de idade. Apresenta mais de vinte tatuagens espalhadas pelo corpo e tem as canelas completamente “fechadas” pelas *tattoos*. Ela informou que já teve muitos *piercings*, mas atualmente só está usando no lábio, na língua e alguns nas orelhas, além de apresentar um alargador em cada orelha. Amanda disse que ainda pretende fazer muitas modificações e que pretende chegar aos 50 anos com lugar no corpo para ainda fazer tatuagens.

Hugo – Hugo possui 31 anos de idade e trabalha como *piercer* e fazendo outras *body modifications* também, como esscarificação, *branding* e implantes. Ele foi o entrevistado com o maior número de modificações corporais, apresentando muitas tatuagens (inclusive uma de neon que brilha no escuro), *piercings* e algumas esscarificações, *brandings*, implantes e nulificações, além de ter realizado algumas suspensões corporais. Também é importante citar que ele possui um cabelo com o penteado de moicano que chama bastante atenção, mesmo não sendo como aqueles moicanos compridos usados pelos *punks*, e apresenta tatuagens na cabeça e no rosto. No futuro, Hugo quer fazer mais tatuagens, *brandings*, esscarificações e talvez mais alguns implantes.

Paula – A Paula possui 25 anos de idade e trabalha como tatuadora. Ela disse não saber quantas tatuagens possui, pois são muitas, e ainda apresenta muitos *piercings*, um implante no dorso da mão, uma esscarificação e já fez suspensão corporal. Ela também possui um corte de cabelo que chama muita atenção, pois a maior parte dele é raspado. Paula não sabe ao certo quantas

modificações ainda pretende fazer, mas vai continuar fazendo, disse que quanto menos pele aparecer, melhor. Afirmou estar satisfeita com seu corpo.

Além das entrevistas, foi realizada uma observação de campo, com o intuito de compreender melhor como é o processo de modificação corporal. A observação foi realizada em um estúdio de tatuagem localizado em Porto Alegre. O nome do estúdio permaneceu em sigilo, utilizando-se um nome fictício. Observou-se o processo de ser tatuado, pois é uma parte muito importante na construção corporal. A descrição da observação foi rica em detalhes, pois de acordo com Stake:

para desenvolver uma experiência simbólica para o leitor e para que se tenha a sensação de "estar lá", deve-se descrever bem o ambiente físico. Os lugares de acesso, os quartos, a paisagem, os corredores, a sua situação no plano, a decoração. [...] Para a maioria dos pesquisadores e leitores, o espaço físico é essencial para alcançar os significados (STAKE, 2007, p.62).

4 DISCUSSÃO

4.1 Corpos espetaculares

Desfilando pelas ruas da cidade, os corpos modificados atraem os olhares curiosos, o que é totalmente compreensível. São corpos que parecem obras de arte – representando uma forma de arte mais urbana, arte *underground* - com inúmeras tatuagens espalhadas pela pele, contando histórias e despertando a imaginação. Os *piercings* tornam o visual mais “selvagem”, os alargadores aumentam algumas partes do corpo, proporcionando formas e curvas incomuns, os *brandings* e as escarificações, com suas cicatrizes geradas por queimaduras e cortes, fazem as outras pessoas imaginarem a dor de passar por tais processos de modificação. Além dessas *body modifications*, alguns indivíduos ainda pintam seus cabelos com cores que chamam a atenção, como azul, verde, rosa e roxo, fazem *dreadlocks* – prática que transforma o cabelo em bolos cilíndricos, parecendo cordas – e utilizam roupas rasgadas ou com peças de metais.

Esses corpos são construídos para atrair a atenção e transmitir idéias, exercem a função de comunicação. Parecem passar mensagens como: “seja diferente”, “seja único”, “saia do padrão”. Comunicam atitudes, pensamentos, idéias e estilos de vida.

Vivemos numa época em que o corpo é glorificado. As pessoas investem muito tempo e dinheiro para ficarem mais bonitas e chamarem muita atenção. Os sujeitos que possuem o corpo extremamente modificado também dão um valor imenso ao corpo. Quando eles aparecem nas ruas, chamam atenção igual ou maior do que as pessoas que possuem corpos que são considerados perfeitos pela sociedade, que estão dentro do padrão de beleza ditado pelos meios de comunicação.

É até possível imaginar os corpos extremamente modificados sendo expostos em museus. Certamente iriam atrair a curiosidade de muitas pessoas, fazendo-as pensar sobre o corpo, atitude e arte, pois estes corpos também podem ser vistos como manifestações artísticas. Até existe uma vertente da arte

contemporânea que utiliza o corpo como o espaço para manifestação da arte. Esta vertente é conhecida como *body art*, onde os artistas modificam seu corpo ou utilizam-se de atos de violência e dor contra seu próprio corpo em suas performances artísticas. Alguns dos entrevistados se referiram às modificações corporais como uma forma de arte, “eu acho que é uma forma de arte, né, querendo ou não, é” (Elisa, modificada) e “acho que tatuagem é arte em primeiro lugar” (Alberto, modificado).

Os artistas da *body art* utilizam o corpo como objeto de arte, é através de intervenções no corpo que os eles manifestam as suas idéias. Neste universo, uma das artistas mais conhecidas é a Orlan, que busca transformar o corpo em linguagem. Orlan já realizou diversas cirurgias plásticas que foram filmadas e transmitidas via satélite, dando ênfase ao processo das cirurgias, debatendo sobre as transformações por que passam nossos corpos nos dias atuais. A artista também realiza desenhos com seu próprio sangue durante as cirurgias e possui implantes em forma de chifres e outros implantes no queixo, na bochecha e ao redor dos olhos.

Outro artista muito famoso é o excêntrico Stelarc, que afirma que o corpo humano é obsoleto. Este indivíduo realiza diversas performances unindo corpo e máquina, utilizando a tecnologia para fazer um *up-grade* no corpo, ampliando as capacidades sensoriais, operacionais, funcionais, perceptivas e motoras do ser humano. Seus trabalhos são muito interessantes, ele se apresenta com uma terceira mão robótica, com um terceiro braço robótico, dentro de uma aranha robótica que se movimenta através de movimentos de seus braços entre outros. Stelarc ainda realiza suspensões por ganchos e colocou em seu braço uma prótese de orelha humana cultivada através da cultura celular. No seu próximo projeto, ele pretende fazer a orelha captar som e transmitir através de seu *site* na Internet. Os artistas da *body art*, diferentemente dos praticantes da *body modification*, utilizam o corpo como instrumento de trabalho, utilizam as modificações para manifestar a arte.

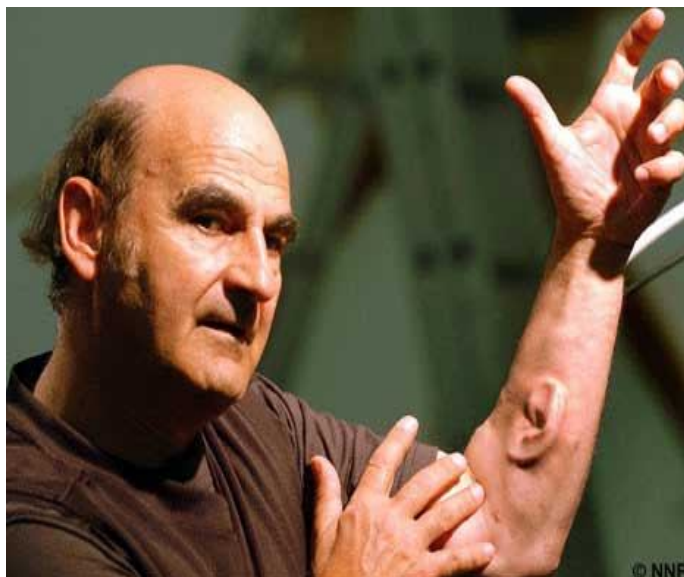


Figura 5: Stelarc e a prótese de orelha implantada no braço.

Modificando extremamente o corpo, os indivíduos praticantes das *body modifications* transformam seus corpos em corpos espetaculares, que atraem e prendem olhares; provocam impacto, chamam a atenção, dão forma às subjetividades e provocam as pessoas a pensar sobre o motivo deste visual tão radical. É comum as pessoas considerarem espetaculares os corpos que apresentam uma beleza fora do comum, uma beleza exacerbada, mas neste trabalho os corpos espetaculares apresentam um significado diferente, são os corpos que atraem a atenção por serem diferentes, por transformarem a imagem numa performance.

4.2 A observação: construindo o corpo

O estúdio de tatuagem escolhido se localiza em Porto Alegre, no alto de um prédio de uma rua famosa e bem movimentada. Apesar de ser bem localizado, ele não possui muitas propagandas e nada indica, na frente deste prédio, que há um estúdio naquele lugar. As pessoas só podem tomar conhecimento da existência deste estabelecimento por indicações de amigos, flyers e pela divulgação na Internet.

A recepção do estabelecimento é bem interessante. Há murais nas paredes com fotos das tatuagens que foram realizadas pelos tatuadores que ali trabalham e quadros com desenhos que parecem com as tatuagens, pois apresentam traços, formas e estilo semelhantes, só diferenciando-se pelas cores, que são mais vivas. No balcão ficam expostos vários tipos de *piercings* e alguns catálogos com exemplos de tatuagem, para apresentar vários tipos de desenhos para os clientes que ainda estão indecisos. Encostadas na parede, ficam algumas poltronas, onde os clientes podem relaxar e ler as revistas sobre *body modification* que ficam a disposição. Para completar, há uma secretária que trabalha nesta sala, uma jovem com algumas tatuagens visíveis e dois *piercings* no rosto. Todos esses elementos contribuem para gerar um clima *underground* ao ambiente.

A sala do tatuador é semelhante à recepção, com quadros e exemplos de tatuagem espalhados pelas paredes. No centro fica a maca para o cliente se deitar, próximo da estante com os materiais que são utilizados durante o processo: agulha, tintas, luvas cirúrgicas entre outros. Também há um espelho grande e algumas guitarras apoiadas em um canto.

Foram observadas duas interações diferentes: uma adolescente escolhendo qual seria sua primeira tatuagem junto com o tatuador e um rapaz, com aproximadamente 27 anos, que estava realizando sua décima quarta tatuagem.

A adolescente chegou ao estúdio com o objetivo de fazer uma tatuagem pequena com o desenho de uma fada. Porém, ela não sabia ao certo como seria o desenho e qual seria o tamanho. Para ajudar, o tatuador mostrou diferentes catálogos que possuíam diversos modelos de tatuagem e, ainda assim, a escolha estava difícil para ela. Não é fácil escolher um desenho para marcar na sua pele quando este vai lhe acompanhar para sempre. Outro obstáculo neste processo é o custo financeiro, quanto maior e mais detalhada é a tatuagem, mais alta é a quantia de dinheiro que o cliente terá que gastar, então, as maiores e mais bonitas eram sempre as mais caras. Como a jovem não queria gastar muito dinheiro, a escolha estava complicada. O tatuador não queria fazer um trabalho feio, pois isso seria uma propaganda ruim, sua obra seria mostrada para muitas amigas da

garota, um trabalho bonito pode atrair mais clientes para o seu estúdio, então tentava convencer a adolescente a gastar um pouco mais para que ela escolhesse um desenho bonito, utilizando argumentos como “a tatuagem é para a vida toda”.

Só depois de cerca de uma hora de negociação é que o desenho foi escolhido e a tatuagem foi agendada. Com todo esse tempo gasto é possível perceber que este não é um processo simples. O tatuador tem a tarefa de dar forma ao desenho que a pessoa está imaginando, decifrar o que está dentro da mente dela, melhorar e operacionalizar a idéia e, assim, ajudar a pessoa a construir o corpo que ela deseja. É interessante notar que, muitas vezes, no corpo da pessoa estará presente também parte da subjetividade do tatuador, pois é ele que faz os desenhos. O corpo é construído pelo indivíduo que escolhe as modificações corporais e pelo profissional que faz essas modificações.

O segundo caso observado era do rapaz que estava terminando uma tatuagem que estava sendo feita a mais de dois anos. O motivo de todo esse tempo gasto se deve ao fato de o desenho ser grande e rico em detalhes: dois peixes repletos de escamas nadando na água. Só nesta tatuagem ele já teve que dedicar bastante tempo de sua vida, porém, ele possuía tatuagens maiores ainda, indicando que ele já deve ter gasto muitas horas para ter o corpo desejado.

Foi possível notar que este jovem possui uma relação de amizade com o tatuador, logo quando entrou no estúdio eles já foram se abraçando fervorosamente e contando novidades, conversando sobre os amigos que apresentam em comum. Só depois de conversar sobre vários temas é que eles passaram a discutir sobre a tatuagem que seria feita, eles tinham que acertar a cor de um peixe, como seriam as escamas e planejar as futuras tatuagens. Tudo isso estava acontecendo enquanto o tatuador estava preparando as agulhas: soldando as agulhas de diferentes tamanhos e fazendo a assepsia das mesmas.

Antes de usar as agulhas o tatuador faz o desenho com uma caneta na pele do sujeito, o que é muito importante para identificar erros e escolher as cores ideais. Com o desenho feito à caneta, os dois chegaram à conclusão de que as cores escolhidas anteriormente haviam ficado feias. Sem esse procedimento inicial, o rapaz podia ficar com uma tatuagem feia para o resto da vida. Na hora de

dar forma às idéias, nem sempre os desenhos ficam como foram imaginados, o desenho que estava na imaginação dos dois era diferente do qual foi feito na pele do sujeito, mas como ele não era definitivo, o tatuador logo deu as idéias para corrigir.

Depois de ser feita a assepsia dos instrumentos que serão utilizados é que começa a parte dolorosa: a agulha é ligada e o cliente começa a ter seu corpo espetado inúmeras vezes. Durante todo esse processo, o tatuado faz diversas caretas para suportar a dor, contraindo também outras partes do corpo, como as mãos. Mesmo passando por esse sofrimento o jovem brinca: “o que incomoda mesmo é esse barulho da agulha”. Realmente, sempre que a agulha está ligada ela faz um barulho chato e constante, que se assemelha ao zunido de uma abelha, porém o som é mais alto. Mas o principal problema é que esse barulho incômodo é acompanhado pelo dor.

Durante todo esse processo, por onde a agulha passava o sangue escorria, então o tatuador tinha que interromper inúmeras vezes para limpar o sangue do local, gastando uma grande quantidade de papel-toalha. Nesta parte em que o tatuador aplica centenas de agulhadas seguidas, o que chama a atenção é a quantidade de sangue e a dor que o indivíduo sente, mas, por estar bastante acostumado com isso, ele superava isso muito bem, conversando muitas vezes durante o procedimento.

Depois de passadas um pouco mais de duas horas, a sessão estava encerrada. A pele do rapaz estava bastante avermelhada na região onde o procedimento estava sendo realizado, o que deixa o desenho com uma aparência estranha. A tatuagem ainda não estava pronta, faltavam espaços que não haviam sido coloridos e pequenos detalhes para acrescentar. Uma nova sessão foi agenda e o rapaz foi embora.

A construção do corpo desejado no estúdio de tatuagem é fruto de um diálogo entre tatuador e tatuado, o segundo, muitas vezes, não tem uma idéia totalmente definida sobre como será a tatuagem, então ele precisa da opinião do primeiro para concretizar a modificação que pretende realizar. Ambos precisam expor as suas idéias e opiniões para chegar num denominador comum e construir

o corpo desejado. Escolher um bom profissional na hora de realizar uma modificação corporal torna-se algo muito importante, pois é ele que operacionaliza a idéia da pessoa que vai ter seu corpo modificado. Caso seja realizado um mau trabalho, o indivíduo terá que carregar uma modificação corporal indesejada para o resto da vida.

4.3 O projeto de lei 7703/2006

Um dos projetos de lei mais polêmicos desta década, o projeto de lei 7703/2006 – conhecido como o “ato médico” – é repudiado por diversos grupos, trabalhadores, estudantes entre outros. Dentro da UFRGS é possível verificar diversos grupos de discussão sobre o assunto e muitos cartazes e faixas contra o “ato médico” em diferentes campus. No orkut, um dos mais populares sites de relacionamento no Brasil, existe muitas comunidades contra o “ato médico”. A comunidade mais popular é a “Não ao Ato Médico, SIM Equipe”, que conta com 111156 membros (verificado no dia 14 de abril de 2010). Há ainda comunidades de alguns grupos contra o “ato médico”, como fisioterapeutas, enfermeiros, psicólogos, educadores físicos e até uma pequena comunidade dos profissionais que realizam modificações corporais, que conta com 114 membros (verificado no dia 14 de abril de 2010).

Dentro do projeto de lei há só uma frase que pode interferir diretamente no trabalho dos profissionais que realizam as modificações corporais abordadas neste trabalho, trata-se do art. 4º parágrafo III, que cita que são atividades privativas dos médicos a “indicação da execução e execução de procedimentos invasivos, sejam diagnósticos, terapêuticos ou estéticos, incluindo os acessos vasculares profundos, as biópsias e as endoscopias” (Projeto de Lei 7703/2006).

Um dos principais problemas do art. 4º parágrafo III é que ele não é muito claro, ele não indica ao certo se as tatuagens, *piercings*, *brandings*, escarificações e outras *body modifications* precisariam ser realizadas por médicos ou que seria necessário ter um acompanhamento médico para realizá-las.

Analisando as respostas dos entrevistados, é possível perceber que nenhum deles sabe perfeitamente em como esse projeto de lei pode alterar as *body modifications* à nível profissional. Uns comentam sobre a supervisão médica nesses processos e outros comentam sobre as *body modifications* sendo realizadas pelos médicos, mostrando que há muita confusão ainda sobre este tema.

É... tem algumas coisas que não são claras no ato médico. [...] acho que não tem nada a ver passar para o lado da medicina. Até tivemos uma reunião com o sindicato dos médicos e eles disseram que não tem nada a ver com a tatuagem na verdade, é mais para procedimentos como as escarificações, aquelas coisas com o bisturi mesmo e tal, eles falaram que na tatuagem não ia interferir em nada, mas acho que deveria ficar mais claro então, né (Alberto, modificado).

Se existe algo que é muito claro em toda esta discussão, é que todos os entrevistados relataram serem contras ao ato médico, tanto as pessoas que trabalham na área das *body modifications* quanto as que trabalham em áreas diferentes. “Eu sou totalmente contra essa lei” (Luciano, modificado).

Cada macaco no seu galho. O medico, por mais que ele estude, por mais que ele possa... acho que tem que ser cada um na sua área. Eu não tenho como sentar numa mesa de cirurgia e operar alguém e, da mesma maneira, eles não tem como vim ver o que que a gente faz, como a gente faz, a maneira que a gente faz. [...] Não tem como, esse negócio do ato médico é uma maneira invasiva de as pessoas se meterem em algo que não é compatível, não tem relação nenhuma. Eu fui contra, assinei contra. Isso é ladainha da medicina (Samuel, modificado).

Acho que não tem nada a ver o médico querer fazer tatuagem né. Desenhista desenha, tatuador tatua e médico cuida da saúde da pessoa. Acho ridículo ter que ter um curso superior pra poder botar *piercing*, né. Esse parágrafo da lei é porque tem muito pilantra, porque tem muitos tatuadores que não têm responsabilidade. Mas isso não é um ato médico. (Amanda, modificada).

Alguns dos entrevistados também levantaram uma dúvida interessante: Por que um médico gastaria seu tempo realizando uma *body modifications* se ele pode

ganhar mais dinheiro tratando as pessoas ou fazendo as cirurgias plásticas convencionais?

Tu acha que um médico vai parar duas horas do tempo dele pra fazer uma escarificação de 100 reais, por exemplo? Ele não vai querer parar, entendeu? Já funciona aquele lance de status social... tem muita questão sobre isso. Acho que é ridículo um médico ser tatuador. Tu acha que um médico vai parar pra tatuar um cara por duas horas? Tatuagem e piercing é uma coisa que vem de cultura, é totalmente diferente da medicina. (Hugo, modificado).

O médico não vai querer perder tempo tatuando alguém se ele pode ganhar vinte vezes mais colocando silicone numa "patty". Então tipo, enquanto os caras têm preconceito com alguém que coloca um implante no braço, na mão ou na testa, com certeza eles já fizeram bem mais ou bem maior no corpo de uma "patty" (Pablo, modificado).

Para realizar *body modifications* é necessário estudar sobre o assunto, se dedicar e adquirir experiência na área. Completar o curso de medicina somente não significa estar preparado para realizar tais modificações, como indica um pedaço do discurso da Amanda:

Tem mulheres que colocam piercings com enfermeira ou que colocam quando vão fazer uma cirurgia como colocar silicone. Uma vez apareceu uma guria que tinha uma cicatriz no umbigo, porque o médico cortou o umbigo, colocou o piercing e costurou. Isso aí é uma coisa de outro mundo. (modificada)

Este depoimento deixa claro que não é tão simples colocar um *piercing*, deve haver um preparo do profissional, pois ele está lidando com a saúde e o corpo de outro ser humano, ele precisa estudar e se dedicar a este tema.

Como o artigo comentado não é muito claro, fica difícil de definir quais são os interesses dos médicos em relação às modificações corporais. É evidente que os médicos lucram muito mais com suas atividades diárias do que se fossem começar a tatuar ou realizar outras *body modifications*, mas o que pode ocorrer é que fosse exigida alguma supervisão médica para realizar tais procedimentos.

O debate que ocorre neste campo é que, na visão dos médicos, as *body modifications* são uma forma de agressão ao corpo, as cirurgias são perigosas e trazem riscos à saúde. Existem muitos perigos, principalmente o risco de contaminação gerado pelos materiais se não houver um controle eficiente durante a realização de uma modificação corporal. Cada tipo de *body modification* tem um risco diferente. Já na visão dos profissionais da modificação corporal, as *body modification* são uma forma de arte, que para trabalhar nessa área a pessoa precisa ser um artista, deve ter o dom e, não é fazendo uma faculdade e possuindo um diploma que ela vai conseguir isso. Para muitos tatuadores e demais profissionais da área, as modificações corporais pertencem ao meio *underground*, com a presença médica nos estúdios elas acabam perdendo um pouco essa característica.

Tipo, de uma certa forma eu acho extremamente ridículo o ato médico. Por que? Porque não tem nada a ver uma coisa com a outra, ou tu é medico ou tu é tatuador. Na tatuagem tu tem que ser um artista, né, tem que lidar com arte, não tem porque tu botar um médico no meio. Há um tempo atrás a gente trabalhava com isso e não tinha toda essa frescura... tipo, o estúdio tem que se parecer com uma sala médica, sabe? Não! Nosso lance é *underground* mesmo, não adianta. Claro que se tornou uma profissão, mas não deixa de ser uma coisa *underground*, né. Sou totalmente contra o ato médico, é ridículo... chegar um cliente aqui pra fazer um procedimento e tem que ter um médico pra liberar. Claro, a pessoa que trabalha com isso tem que ter um pouco de noção de primeiro socorros, biosegurança, esterilização... tudo, né, mas não precisa chegar nesse ponto, né, não cabe. (Paula, modificada).

4.4 O preconceito contra o corpo extremamente modificado

Diariamente somos bombardeados pelos veículos de comunicação sobre como manter nossos corpos “em forma”. Revistas de saúde, beleza, boa forma entre outras, programas de televisão e *outdoors* passam mensagens a toda hora sobre como deve ser o corpo perfeito e como devemos cuidar de nossos corpos.

Esse processo constrói um padrão de corpo, um corpo que é tido como norma. Sendo assim, o que acontece com quem possui um corpo diferente deste padrão? Quem é diferente se torna alvo de comentários negativos. Quem é diferente deve se ajustar ao padrão, deve se consertar, pois existe preconceito contra as pessoas que possuem um corpo diferente. As pessoas que modificam extremamente o corpo tornam-se muito diferentes, ficam longe do corpo que é tido como norma e, acabam sendo vítimas de preconceito também.

Lidar com o preconceito é uma tarefa diária para muitos que possuem o corpo extremamente modificado. Eles são alvos de olhares julgadores e até são xingados por pessoas que manifestam o preconceito verbalmente. São julgados até quando fazem atividades corriqueiras, como andar de ônibus, dar uma volta no parque, passear no shopping entre outros. Para esses sujeitos só restam duas opções: se acostumar com o preconceito e ignorá-lo ou se deprimir ao se deparar com situações deste tipo.

Todos os entrevistados afirmaram que estavam acostumados com o preconceito, já que é algo que faz parte da rotina deles. Analisando os discursos e as expressões faciais e gestuais, foi possível constatar que muitos pareciam não se importar mesmo com o preconceito das pessoas, que é algo que não atrapalha a vida deles, “quando falam alguma coisa, entra por um ouvido e sai pelo outro” (Samuel, modificado). Porém, alguns demonstraram se incomodar com o preconceito dos outros, pois falavam sobre o assunto como se estivessem reclamando, isso parecia afetá-los emocionalmente.

Eu ando na rua e as pessoas me xingam. Elas falam coisas sobre Deus, que eu não vou para o céu, coisas assim. Uma vez eu estava em um supermercado e um senhor me parou e começou a me xingar porque eu tinha modificado meu corpo. Se tu entra numa loja as pessoas ficam olhando pra onde é que tu vai...é muito complicado isso. Sabe, eu estava no enterro da minha bisavó, eu estava chorando e as pessoas do lado ficavam me apontando... nem no velório elas perdoam. (Elisa, modificada)

Por se dispor a passar por processos dolorosos – como desenhar formas na pele com um bisturi, uma agulha ou ferro quente – esses indivíduos são tidos

como loucos, masoquistas ou indisciplinados, enquanto que as pessoas que passam por cirurgias como plásticas e lipoaspiração são consideradas normais. Essas cirurgias, muitas vezes, são até mais dolorosas e mais agressivas ao corpo, porém são bem aceitas pela sociedade, são até incentivadas.

As pessoas com modificações corporais extremas são consideradas estranhas por grande parte da sociedade, pois apresentam um corpo muito diferente, um tipo de corpo que é difícil de encontrar, seja nas ruas ou na televisão. Existem alguns indivíduos que desejam ser estranhos, que até se auto-intitulam "*freaks*", que significa esquisito ou excêntrico em português. Há muitas pessoas que tatuam a palavra "*freak*" na pele, como é o caso do homem-lagarto. Muitos também utilizam esse termo em seus apelidos ou nomes de trabalho, como o brasileiro "Freak Garcia", um modificado que faz shows com performances como andar em cacos de vidro e puxar alguém da platéia colocando a pessoa sentada numa cadeira que está ligada por uma corrente ao genital do artista.

As modificações corporais geralmente aparecem nos filmes nos corpos de vilões e dos "*bad guys*". Esse é um dos motivos que fazem as modificações corporais serem ligadas à violência, marginalidade e selvageria. Como exemplo, pode-se citar o personagem interpretado pelo ator Robert de Niro no filme "Cabo do medo" de Martin Scorsese. Neste filme, de Niro faz o papel de um assassino estuprador que tem muitas tatuagens em seu corpo. Mais recentemente nos cinemas, no filme "Homem de Ferro II" de Jon Favreau, Mickey Rourke também interpretou o papel de um vilão repleto de tatuagens. É mais difícil encontrar mocinhos com tatuagens e *piercings*, geralmente os personagens principais que possuem tatuagens apresentam uma personalidade selvagem.

Outro motivo que faz as modificações corporais serem ligadas a esses fatores negativos se deve a história da tatuagem na cultura ocidental, pois ela era usada principalmente por setores marginais da sociedade no século XIX até o início do século XX, como os marinheiros, presidiários e meretrizes. Esse passado da tatuagem faz com que as *body modifications* sejam carregadas de um caráter marginal que ainda persiste nos dias atuais influenciando o julgamento dessas pessoas em relação aos indivíduos modificados. "Até um tempo atrás quem tinha

muitas tatuagens era considerado um drogado e não sei mais o que, né” (Paula, modificada).

Esses indivíduos carregam em si, mesmo que inconscientemente, mensagens sobre liberdade corporal, alteram o corpo seguindo suas vontades. Fazem isso dentro de uma sociedade onde existe um controle muito grande em relação ao corpo, onde indivíduos são repreendidos por apresentarem muita gordura corporal, por não possuir uma pele perfeita, ou seja, sem estrias, rugas ou outras marcas, e por não terem um corpo saudável. Somos julgados a partir de nossos corpos. “A gordura, a flacidez, ou a moleza são tomadas como símbolos tangíveis da indisciplina, do desleixo, da preguiça, da falta de uma certa virtude, isto é, da falta de investimento do indivíduo em si mesmo.” (Goldenberg e Ramos, 2007). Neste trecho de Goldenberg e Ramos há um exemplo de que não temos total liberdade sobre nosso corpo, pelo menos não temos liberdade sem sofrer julgamentos. Um indivíduo que goste de ser obeso ou de ter seu corpo extremamente modificado sempre será vítima de preconceitos. Ter um corpo dentro dos padrões da sociedade parece ser fundamental, quem está fora dos padrões deve se “tratar” imediatamente, pois certamente escutará diversos julgamentos contra.

Na rua me chamam de mil coisas, de monstro, de bicho... isso acontece muito. É um problema da má formação dessa sociedade hipócrita de deixar como se todo mundo fosse robotizado, todo mundo *playmobil*, tudo igual. (Samuel, modificado).

Existe uma vigilância da sociedade sobre nossos corpos, controlando as opções e os cuidados que escolhemos para moldá-los. Para Michel Foucault, são por intermédio de instituições como escolas, prisões, hospitais, mídia que diversas disciplinas passam a controlar o corpo, de forma a docilizá-lo. A sociedade capitalista investiu antes de tudo no biológico, no somático, no corporal. “O corpo é uma realidade biopolítica.” (Foucault, 1992, p.77).

4.5 As modificações corporais dentro das tribos urbanas

Autores como FRAGA (2004), FREITAS (1999), HEILBORN (1997), GOELLNER (2005), LOURO (2000), RODRIGUES (1986) e SANT'ANNA (2000) corroboram com a idéia de que o corpo é influenciado pela cultura da sociedade a qual ele está inserido. O corpo é carregado de significados que fazem sentido para as pessoas que compartilham de uma determinada cultura. A sociedade tenta, de diversas maneiras, moldar o corpo de seus indivíduos conforme a sua disposição. O corpo produz cultura e também é influenciado por ela, ou seja, a cultura produz o corpo também.

Na nossa sociedade, existem diversas tribos urbanas, que são grupos de jovens, principalmente, que criam hábitos, costumes, idéias, formas de pensar, atitudes e estilos em comum. A maioria das tribos urbanas é formada por pessoas que escutam o mesmo estilo musical, como os *punks*, rockeiros, pagodeiros, *clubbers*, metaleiros etc. Grande parte dessas tribos é formada por jovens que procuram se diferenciarem da sociedade em geral e, encontram nesses grupos, pessoas que se identificam com essa atitude. As tribos urbanas produzem cultura e, em muitas dessas tribos, as modificações corporais são bem aceitas e valorizadas, fazendo parte do estilo do grupo.

Quando surge uma tribo urbana, os participantes costumam criar um modo de se vestir e usar acessórios, de modo que eles compartilhem de um estilo e um visual. As pessoas que se envolvem nessas tribos, geralmente passam a usar vestimentas parecidas. Esse processo ocorre para que os indivíduos possam identificar-se uns com os outros. “No grupo de amigos com quem eu convivo, quase todo mundo tem bastante *tattoos*, de uma certa forma isso é uma forma de identificação, né”. (Alberto, modificado) É bem fácil de verificar esse processo, é só prestar atenção no estilo e visual das diversas tribos urbanas. Os *hippies* com suas roupas largas e floridas e com o cabelo comprido. Os motoqueiros com suas roupas de couro e tatuagens, muitos com a barba comprida. Os *clubbers* com suas roupas e cabelos coloridos e muitas outras tribos. Provavelmente, a tribo que mais influencia os jovens a utilizarem *body modifications* são os *punks*. Os *punks*

costumam vestir jaquetas de couro, calça jeans rasgada e usar várias tatuagens e *piercings*. De acordo com Wojcik, os *punks* “criaram um coerente e elaborado sistema de adornos corporais que expressam seu afastamento da sociedade e que horrorizam o público em geral” (1995, p.11).

uma multiplicidade de sinais, códigos, e atitudes produz referências que *fazem sentido* no interior da cultura e que definem (pelo menos momentaneamente) quem é o sujeito. A marcação pode ser simbólica ou física, pode ser indicada por uma aliança de ouro, por um véu, pela colocação de um *piercing* por uma tatuagem, por uma musculação “trabalhada”, pela implantação de uma prótese... O que importa é que ela terá, além de efeitos simbólicos, expressão social e material. (LOURO, 2004, p.83)

As marcações que os sujeitos com o corpo extremamente modificado possuem, muitas vezes, são sinais de *pertencimento* a um determinado grupo e *não pertencimento* a outros. Essas marcações são símbolos de que o indivíduo concorda e compartilha com os costumes, valores e ideologias do grupo ao qual pertence, que ele se identifica com esse grupo. Esse processo de buscar fazer parte de algum grupo é comum entre os jovens, eles apresentam uma necessidade de construir uma identidade e, muitas vezes, eles passam a fazer partes de grupos ou tribos urbanas para construírem suas identidades com bases nas identidades coletivas. Utilizando as modificações corporais, o sujeito chama a atenção e pode ser valorizado dentro de seu grupo, se o mesmo cultua esses tipos de modificações.

De acordo com Abramo (1994), muitos jovens manifestam sua *posição no mundo* elegendo e criando seus próprios bens culturais e pela construção alegórica da própria imagem, com o uso estranho de determinados objetos. Assim eles criam uma identidade coletiva, fazendo com que seu grupo ou tribo urbana seja reconhecido pelo modo de se vestir e pelo uso de modificações corporais. Atualmente, a imagem é uma das principais formas de comunicação, por este motivo é que muitos grupos de jovens investem no visual de uma forma que chame bastante atenção, para assim manifestar a sua *posição no mundo*.

É importante haver um cuidado quando pré-adolescentes manifestam a vontade de utilizar modificações corporais permanentes para se identificarem com certos grupos. Estes grupos podem estar na moda, mas como a moda é passageira, arrependimentos podem surgir no futuro. Durante a fase da adolescência, o jovem vai construindo a sua identidade e a alterando, podendo passar por diversos grupos e fases diferentes. Sendo assim, as *body modifications* devem ser pensadas com cuidado, pois se um jovem com o corpo modificado cansar de sua identidade atual e querer mudá-la, as modificações corporais passarão a ser indesejadas, gerando um descontentamento com o corpo e com a aparência. “Acho que uma pessoa que faz uma modificação corporal tem que ter bastante ciência, né... não tem como tu voltar atrás, é teu estilo de vida, é isso e vai ser pra sempre.” (Paula, modificada).

Pode-se considerar a existência de uma tribo urbana dos modificados. Uma tribo formada por pessoas adeptas das modificações corporais que utilizam uma quantidade considerável de modificações, e não só uma simples tatuagem ou um simples *piercing*. Até há um programa de televisão do canal a cabo Multishow chamado “Tribos” que dedicou um programa para tratar do grupo dos modificados. Neste programa de trinta minutos, a apresentadora Daniele Suzuki aborda os costumes e hábitos de vidas de determinadas tribos urbanas. “No grupo dos modificados tem gente de tudo quanto é jeito, tipo, com diferentes gostos. Os modificados se juntam, mas são pessoas diferentes” (Elisa, modificada).

Há um paradoxo interessante nos grupos dos modificados, as pessoas que fazem parte desses grupos têm em comum algo que é utilizado justamente para se diferenciar. Eles utilizam as modificações para serem diferentes dos outros, mas nesses grupos as modificações são o que eles apresentam em igual, o que os unem.

Dentro da tribo dos modificados, há ainda uma tribo urbana conhecida como “*modern primitives*”, criada em 1967 por Fakir Musafar e formada por indivíduos que colocam o corpo como o centro de suas experiências. Esses sujeitos utilizam as *body modifications* com objetivos semelhantes às sociedades tribais, como rituais de passagem. Um dos entrevistados relatou que se

identificava com os *modern primitives*, que a cultura dessa tribo o influenciou para modificar muito seu corpo.

Fiz as modificações pra se sobressair de uma multidão, é mais uma coisa contigo assim, pra superar limites teus. Eu quero superar, ver como é que é... é uma passagem, né. Na real, tudo o que eu tenho no corpo vem dos índios, dos astecas, do Egito. Tudo por trás tem um ritual, que nem suspensão, né, tem uma moral, tudo tem uma moral. [...] Na real, até no grupo dos modificados tem o grupo dos *modern primitives*, que é um grupo muito pequeno. No Brasil tem gente assim, mais no Rio de Janeiro e em São Paulo. A definição desse grupo é “personalidade múltipla controlada”, é esse tipo de povo aí... infelizmente é minoria, né, infelizmente, mas está crescendo cada vez mais. (Hugo, modificado).

A filosofia da “personalidade múltipla controlada” seguida pelos indivíduos *modern primitives*, significa que a realidade conforme a vemos é apenas uma, e a reação que temos perante ela se desenvolve de acordo com o que permitimos, segundo nossa educação, nosso desejo e nossa estrutura, conforme a nossa subjetividade. A cultura dessa tribo urbana resgata alguns significados que as *body modifications* possuem para alguns povos ancestrais, sendo as modificações usadas como rituais.

Quando o indivíduo modifica muito o seu corpo ele geralmente procura se diferenciar dos demais, busca a individualidade, utilizar as modificações para pertencer a um grupo não costuma ser o principal motivo. De acordo com Sweetman, “As tatuagens e os *piercings* contemporâneos parecem agir menos como marcadores de identificação de grupos, e mais como expressões do eu”. (1999, p.66). Analisando as entrevistas foi possível verificar que o fator individualidade apareceu mais vezes do que o fator de identificação com o grupo, assim como sugeriu Sweetman. Contudo, alguns entrevistados afirmaram que foram influenciados de certa forma pelas tribos urbanas a quais pertencem ou pertenceram.

Já fiz parte de tudo. Tudo! Sempre andei com todas as pessoas. Já andei com a galera do *hardcore*, do *punk*... andei muito tempo da minha vida com *punks*. [...] Quando tu anda com certo grupo, tu é identificado com aquele grupo, tipo, se eu andava com os *punks*, eu era *punk*, se eu andava com a galera *hippie*, eu era *hippie*. Tu é inserido naquele grupo e te julgam pelas atitudes e comportamento daquele grupo. Já andei com um grupo de pessoas modificadas também, ando com gente modificada “a fu”. (Amanda, modificada).

Já fiz parte dos punks, skin heads e ando com modificados também (Paula, modificada).

Dentro da tatuagem existe o grupo dos tatuadores, a gente anda com outros tatuadores e tudo. Claro, tem o grupo dos modificados, dos que tem modificações extremas, mas tem poucas pessoas, não é todo mundo, daí tem o grupo que a gente se relaciona e sai. (Hugo, modificado).

Utilizar as modificações corporais como uma forma de pertencer a um determinado grupo pode não ser o principal motivo para as pessoas modificarem extremamente seus corpos, mas, certamente, é um motivo muito importante para muitas dessas pessoas.

4.6 *Body modifications*: identidade e diferença

Como já foi citado no início deste trabalho, o corpo é o registro mais fiel daquilo que consideramos “a nossa identidade” (Sant’Anna, 2000). O corpo representa quem nós somos, nos passa muitas informações sobre nossas características principais, nosso comportamento e nossas idéias. É onde encontra-se o eu, é onde encontra-se a identidade.

Utilizo o termo ‘identidade’ para significar o ponto de encontro, o ponto de *sutura*, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos ‘interpelar’, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os

processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode 'falar'. As identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós. (HALL, 2009, p.111)

Com as modificações corporais os sujeitos carregam discursos na própria pele, é assim que mostram quem eles são, é assim que afirmam suas identidades. O corpo torna-se um espaço para dar forma às idéias, opiniões e à imaginação, um processo que ajuda a construir a identidade. Modificando extremamente o corpo, os indivíduos se apegam à posições-de-sujeito.

Para a autora Pires, na nossa sociedade, o sentido mais estimulado e valorizado é o da visão, é através deste sentido que primeiramente percebemos o mundo. Sendo assim, a imagem e o visual de uma pessoa transmitem muitas informações sobre ela e, ganha força a atitude de que é necessário explicitar através de imagem as idéias, ideais, crenças e sentimentos. "É como se a identidade do indivíduo, para existir, necessitasse obrigatoriamente estar visível aos outros" (2005, p.128).

Hall (2009), Silva (2009) e Woodward (2009) corroboram com a idéia de que a identidade *depende* da diferença. Além da identidade afirmar *quem somos*, ela afirma, também, *quem não somos*. Modificando o corpo esses indivíduos se tornam diferentes da maioria da população, apresentando identidades diferentes, identidades construídas. Neste aspecto, é interessante pensar sobre os indivíduos que modificam o corpo para parecerem com animais, como o homem-lagarto, o homem-tigre e a mulher-vaca. Essas pessoas assumem identidades híbridas, que certamente são muito diferentes das demais. Essas identidades são marcadas pela união das características dos seres humanos com as características do animal escolhido.

Além de serem interdependentes, identidade e diferença partilham uma importante característica: elas são o resultado de atos de criação lingüística. Dizer que são o resultado de atos de *criação* significa dizer que não são 'elementos' da natureza, que não são essências, que não são coisas que estejam simplesmente aí, à espera de serem reveladas ou descobertas,

respeitadas ou toleradas. A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. [...] Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. (SILVA, 2009, p.76).

Todas as identidades são criações culturais e sociais. As identidades construídas pelos indivíduos com o corpo extremamente modificado sofrem a influência da cultura de determinadas tribos urbanas e buscam ser diferentes da identidade da maioria da população, principalmente da identidade tida como norma.

Fixar uma determinada identidade como a norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças. A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normalizar significa eleger – arbitrariamente – uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. (*Ibid*, p.83)

A identidade fixada como norma, no Brasil, é aquela já citada na introdução deste trabalho: “o homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão” (LOURO, 2000, p.68), somada com a pele sem tatuagens, *piercings*, cortes, cicatrizes e outras modificações usadas pelos indivíduos estudados neste trabalho. Esses sujeitos buscam fugir da identidade tida como norma, eles querem ser diferentes. Ao fugir da identidade padrão, esse indivíduos passam a possuir corpos considerados estranhos pela maioria da sociedade. Para possuir um corpo considerado normal, a pessoa deve manter-se nas características citadas a cima por Louro, conforme ela vai alterando seu corpo, pouco a pouco ela vai se tornando estranha, mas quem é que vai julgá-la? Todos nós acabamos por julgar as outras pessoas, porém cada ser humano possui a sua concepção sobre o que é normal e o que é estranho, cada um é influenciado por diversos fatores como a influência da cultura, da educação, da genética e muitos outros. Como os sujeitos

estudados neste trabalho modificam muito seus corpos, eles acabam sendo considerados estranhos por grande parte da sociedade, já que eles buscam ser diferentes.

Ao ser questionado sobre os motivos de usar tantas modificações corporais, Samuel respondeu:

A diferença. Elas [as *body modifications*] fazem parte da minha vida. Não é só o modo como tu pensa, acho que tu tem que ter algo no teu corpo que a pessoa consiga te identificar, né. Não adianta tu ser cabeludo, não adianta tu ser “blábláblá” se teu pensamento não for diferente. A individualidade, na real, tu já tem, a modificação é só para você firmar isso. É como se fosse uma auto-afirmação. (modificado).

Na opinião dele, é possível notar que as modificações são usadas para buscar a diferença e, ainda, representar uma identidade, representar a individualidade e a diferença. É uma auto-afirmação. “Foi modificando o corpo que eu busquei a minha individualidade” (Luciano, modificado).

A individualização das aparências produzida a partir da valorização por vezes exacerbada da imagem transformada em performance tem levado os indivíduos a perceber que o corpo é o local primeiro da identidade, o *locus* a partir do qual cada um diz do seu íntimo, da sua personalidade, das suas virtudes e defeitos. Num tempo onde a individualização do eu se faz premente, ser único é sustentar uma inconfundível visibilidade, um eu localizado no visível do corpo. (GOELLNER, 2005, p.6)

Com o corpo extremamente modificado, esses indivíduos transformam sua imagem numa performance, um corpo espetacular, que atrai os olhares das pessoas, pois é um corpo que foge dos padrões, é uma imagem que foge do padrão também. Nessa imagem encontra-se um desejo, muitas vezes desesperado, de ser diferente, ser único e ser original. No caso dos sujeitos que modificam quase totalmente a aparência, parece haver uma vontade de que a sociedade reconheça que eles são únicos, que são pessoas diferenciadas, não só

na aparência, mas também na personalidade. Ao se referir sobre os motivos de modificar o corpo uma das entrevistadas relatou: “é uma coisa que me deixa “eu”, entendeu? Tu sabe que sou eu e não tem ninguém igual” (Elisa, modificada).

As modificações corporais possuem o poder de representar o que está dentro da pessoa, a vontade de ser diferente. Modificar o corpo passa a ser um mecanismo para afirmar a diferença, afirmar a identidade diferente. É uma forma que esses indivíduos encontram para mostrarem que pensam diferente. “Eu sempre me identifiquei com a arte no corpo, sempre gostei, acho lindo a pessoa se diferenciar... é a tua identidade, a tattoo vira a tua identidade” (Amanda, modificada). As modificações corporais são símbolos da diferença, símbolos que significam que a pessoa é diferente.

Alguns dos entrevistados relataram que se interessaram pelas *body modification* quando eram crianças, olhando para uma pessoa modificada e querendo ser como ela. Nesses casos, ocorre uma identificação com a pessoa modificada, um desejo de também querer modificar o corpo.

Desde os 5 anos eu admirava as pessoas que tinham um monte de tatuagem. Há 20 anos atrás as pessoas mais tatuadas eram os motoqueiros, era mais difícil encontrar mulheres com muitas *tattoos*. Eu tinha uma vizinha que era toda tatuada, bem loucona e todo mundo dizia que ela não prestava e tal, mas eu sempre admirava ela. Quando eu era criancinha as gurias compravam revistas dos *backstreet boys* e tal, e eu já comprava revistas de tatuagem, mesmo eu não tendo nenhuma. (Amanda, modificada)

Desde pequeno quando eu olhava para as pessoas diferentes na rua eu pensava “bah, que legal. Quero ser assim quando eu crescer”, sempre achei isso, sempre, sempre, sempre. (Hugo, modificado).

Esses exemplos mostram a identificação com o universo das *body modifications* acontecendo já na infância, uma identificação com o que é diferente. “Quando eu não era tatuada eu sabia que um dia eu ia ser. Quando eu era criança eu sabia que eu ia ser uma mulher adulta tatuada” (Amanda, modificada). Nesses dois casos, as modificações corporais com que eles já se identificavam desde

crianças, acabaram por fazer parte da identidade deles agora em que são adultos. Em muitos casos, a vontade de ser diferente começa ou aumenta na fase da adolescência. A Amanda contou que realizou sua primeira modificação com 16 anos e o Hugo, com 12 anos, ambos relataram ter feito as modificações sem a autorização dos pais, escondidos.

4.7 Os significados do corpo modificado

O corpo é um universo, um local repleto de discursos, negociações, interpretações e significados. É uma massa que pode ser moldada de diversas formas. Uma união entre natureza, cultura e individualidade. Ele é o resultado da carga genética, das influências culturais e das escolhas de cada indivíduo. O corpo é moldado e produzido durante toda a vida, sofre modificações naturais e artificiais, planejadas ou não, que sempre são carregadas de significados.

Analisando as respostas dos entrevistados, é possível notar que uma das principais funções das modificações corporais para eles é a de deixar o corpo mais bonito. É uma preocupação com a estética. Eles relatam que as tatuagens, *piercings*, alargadores e afins possuem um visual bonito, um visual legal. Eles se identificam com o estilo. “Cara, na verdade eu gosto [das tatuagens], né, acho bonito. Acho bonito o estilo da *tattoo*”. (Alberto, modificado).

O corpo para grande parte dessas pessoas está diretamente ligado com a beleza, assim como para a maioria da população ocidental. Alterando o corpo esses indivíduos sentem-se mais bonitos. O que é diferente para esses sujeitos é o significado da beleza. Para a maioria da população ocidental, para ficar bonito deve-se seguir o padrão de beleza que é ditado pelos meios de comunicação. Já para os indivíduos com o corpo extremamente modificado, a beleza ideal é diferente, eles se sentem mais bonitos após realizar uma tatuagem, colocar um *piercing*, alargar as orelhas, ganhar uma cicatriz e, até mesmo, mutilar uma parte do corpo. “Agora eu me sinto mais bonito, parece que eu me maquiei com as tatuagens, me deixei mais bonito” (Luciano, modificado).

A beleza para eles está diretamente relacionada com a diferenciação em relação aos demais, ou seja, ser diferente é ser bonito. Quanto mais eles se tornam diferentes dos demais, mas bonitos eles se sentem.

A beleza, assim como o corpo, é produzida pela cultura. Diferentes culturas possuem diferentes padrões de beleza. O padrão de beleza do Japão pode ser diferente do padrão americano, por exemplo. Nas culturas das tribos urbanas que cultuam as modificações corporais extremas, o padrão de beleza é diferente do resto da sociedade, o corpo modificado é bonito. Um corpo que pode até ser considerado bizarro pela sociedade em geral, por causa das modificações extremas, pode ser tido como um corpo muito bonito e/ou um corpo ideal, para as pessoas que pertencem a essas tribos urbanas.

As *body modifications* também fazem com que alguns indivíduos aceitem melhor seus corpos, aumentando a auto-estima. Um tatuador até fez um comentário sobre está melhora quando foi perguntado sobre as mudanças que as modificações fizeram em sua vida, “a nível psicológico, eu consegui me aceitar mais... Quando eu comecei a fazer, eu notei uma melhora e uma conquista muito maior na minha vida do que antes” (Luciano, modificado). Essa melhora na auto-estima também é comum em pessoas que passam por cirurgias plásticas como as de implante de silicone nos seios. Mas no caso dos sujeitos estudados neste trabalho, as modificações são realizadas para fugir dos padrões de beleza da sociedade. O mesmo tatuador da citação acima afirmou que modificou seu corpo para buscar uma individualidade.

Shilling (1993) e Sweetman (1999) corroboram com a idéia de que o corpo é um “projeto” construído para dar forma à identidade dos indivíduos da cultura ocidental. “A identidade e o corpo se tornam ‘projetos organizados reflexivamente’ esculpidos da complexa pluralidade das escolhas oferecidas pela modernidade” (Shilling, 1993, p.157). Isto demonstra que o corpo é um reflexo da identidade do sujeito, ou vice-e-versa. Conforme o indivíduo pensa ser sua identidade, ele vai moldando seu corpo para representá-la. Como também pode ocorrer o processo inverso, através das modificações feitas no corpo, a identidade vai sendo

construída. Tudo isso resulta numa relação extremamente profunda entre corpo e identidade.

Em um contexto social e histórico particularmente instável e mutante, no qual os meios tradicionais de produção de identidade – a família, a religião, a política, o trabalho, entre outros – se encontram enfraquecidos, é possível imaginar que muitos indivíduos ou grupos estejam se apropriando do corpo como um meio de expressão (ou representação) do eu. (Goldenberg e Ramos, 2007, p. 20).

Alterar o corpo torna-se o modo utilizado por esses indivíduos para construir e representar o eu. “É uma coisa que me deixa ‘eu’, entendeu? Tu sabe que sou eu e não tem ninguém igual” (Elisa, modificada). Esse “eu” é construído através da diferença. É pela diferença que eles se sentem singulares. Modificando o corpo com tatuagens, *piercing* e afins que eles representam o “eu”, colocam o que está no subconsciente, nos pensamentos e nas suas idéias no exterior do corpo, na pele. “Não é só o modo como tu pensa, acho que tu tem que ter algo no teu corpo que a pessoa consiga te identificar, né. Não adianta tu ser cabeludo, não adianta tu ser “blábláblá” se teu pensamento não for diferente.” (Samuel, modificado).

Os indivíduos planejam como seria o corpo ideal e quantas modificações são necessárias para chegar ao corpo ideal. Depois começam a investir tempo e dinheiro neste projeto. Pode-se levar muitos anos para obter o corpo ideal ou para chegar perto dele e, muitas vezes, acaba tornando-se um projeto sem fim, pois muitos indivíduos não conseguem parar de modificar-se, precisam fazer uma nova tatuagem, colocar um novo *piercing* ou alargar alguma parte do corpo. “Quanto menos pele aparecer, melhor” (Paula, modificada).

Na real eu queria apagar tudo e fazer tudo de novo, cada dia que passa fazer uma coisa nova. Só que bá! Eu só tenho um corpo! Eu queria ter seis braços, cara, ter quatro pernas... aí ia ser legal. (Hugo, modificado)

O corpo e a identidade são mutáveis. O corpo pode engordar, emagrecer, ficar mais musculoso, mais colorido e mais modificado. Como o corpo é a principal forma de representação da identidade, essas alterações corporais refletem

diretamente na identidade. Só de observar o corpo ou os gestos corporais de uma pessoa nós podemos obter informações valiosas sobre a sua identidade. Podemos observar se a pessoa é extrovertida, introvertida, alegre, rabugenta, calma, estressada, rebelde, homossexual, esportista entre outros. Como já foi dito, também é a partir da identidade que a pessoa vai alterando seu corpo e gestos corporais, muitas vezes dependendo do que ela quer representar ou afirmar.

O corpo é planejado conforme o gosto e o desejo destas pessoas. Muitas vezes as idéias de modificações estão no subconsciente e, aos poucos, o indivíduo vai pensando e planejando quais as modificações ele pretende fazer, aos poucos as idéias vão tomando forma. Durante as diversas fases da vida essas idéias podem mudar, ou o modelo de corpo ideal pode mudar, então eles passam a pensar em diferentes modificações para serem feitas. O problema é se uma modificação corporal de caráter definitivo passa a ser indesejada. “Acho que uma pessoa que faz uma modificação corporal tem que ter bastante ciência né... não tem como tu voltar atrás, é teu estilo de vida, é isso e vai ser pra sempre” (Paula, modificada). No caso da tatuagem, o que até é comum é realizar uma nova tatuagem por cima de outra que se tornou indesejada.

As pessoas costumam enjoar das suas aparências, elas, de vez em quando, desejam ganhar mais músculos, emagrecer, se bronzear, pintar o cabelo, cortar ou deixar crescer o cabelo, mudar o penteado entre outros. Há muitas pessoas que não conseguem ficar muito tempo com o mesmo visual. Por outro lado, os indivíduos com o corpo extremamente modificado parecem ter certeza que nunca se enjoarão de seus corpos, eles sabem que precisam ter corpos diferentes, modificar-se é uma necessidade. Eles afirmam com muita convicção que estão satisfeitos com seus corpos. Entretanto, eles também apresentam a necessidade de alterar o visual, mas isso eles resolvem fazendo mais tatuagens, alargando partes do corpo, queimando a pele e até mutilando partes do corpo.

Na declaração do Hugo, onde ele relata que gostaria de apagar todas as modificações e refazê-las e que gostaria de ter seis braços e quatro pernas para ter mais espaço para modificar-se, é possível perceber que as *body modifications* possuem um caráter lúdico para ele. Este sujeito parece brincar com o corpo ao

modificar-se, é divertido e prazeroso colorir a pele a alterar as formas de seu corpo, ele se anima ao dizer que gostaria de ter mais membros. É como se o corpo fosse uma massa de modelar onde o indivíduo pode brincar com ela.

Eu vou te dizer o que que eu sou: *eu sou o sonho das pessoas*. O que que é? Todo mundo olha pra mim e acha ridículo, mas ela queria ter uma *tattoo* no pescoço, ela não pode porque o emprego não deixa, porque a mulher não deixa, porque o pai não deixa... ou ele olha e diz “bá, que ridícula aquela *tattoo* no braço”, mas ele queria ter aquela *tattoo* no braço, ele só não faz porque tem muita coisa que não pode, porque tem discriminação com tudo, então o que acontece? Eu sou o sonho das pessoas, elas ficam sonhando com aquilo e não podem. *Quantas* pessoas já me falaram “bá! Que legal, como eu queria ter uma tatuagem na cabeça e não posso”, isso acontece direto. Então eu sou o desejo das pessoas. (Hugo, modificado)

O Hugo brinca com o fato de ter coragem para modificar extremamente o corpo, é como um mecanismo de defesa para encarar o preconceito das pessoas. Em sua opinião, um dos motivos que faz com que as pessoas tenham preconceito é que elas não têm a coragem que ele teve para fazer tantas modificações, elas gostariam de ter tantas tatuagens, mas não podem por causa da pressão que iriam sofrer.

É na busca pela diferença que a maioria das pessoas modificam extremamente o corpo. Ser diferente é certamente um dos principais motivos que levam os indivíduos a pintar a pele, fazer cortes e queimaduras, implantar formas estranhas no corpo e mutilar partes dele. Ter uma simples tatuagem não é o suficiente, eles precisam ir mais além, utilizando modificações que não são tão difundidas. Interpretando as respostas dos sujeitos entrevistados neste estudo, é possível afirmar que a diferença foi mesmo o principal motivo para eles modificarem tanto o corpo. Só um entrevistado que não citou a diferença como um dos fatores importantes para realizar uma *body modification*. Nos discursos de todos os outros sujeitos esse fator foi citado como muito importante.

Eu sempre me identifiquei com a arte no corpo, sempre gostei, acho lindo a pessoa se diferenciar... é a tua identidade, a *tattoo* vira a tua identidade. (Amanda, modificada)

Acho que é diferente [realizar *body modifications*], combina comigo e com meu estilo. Eu gosto de me diferenciar das pessoas, eu não copio ninguém. As modificações são importantes pra mim, fazem parte da minha vida, do meu estilo de vida. (Fabiana, modificada).

Desde pequeno quando eu olhava para as pessoas diferentes na rua eu pensava “bah, que legal. Quero ser assim quando eu crescer”, sempre achei isso, sempre, sempre, sempre. [...] Fiz as modificações pra se sobressair de uma multidão (Hugo, modificado).

É muito nítido encontrar a vontade de se diferenciar e de ser único nos discursos dos entrevistados. O Samuel, uma das pessoas mais modificadas dentre os que foram entrevistados, ainda foi mais direto quando questionado sobre os motivos de ter modificado tanto o corpo: “a diferença”. Eles apresentam uma necessidade de ser singular.

Essas pessoas buscam por uma individualidade, algo que os destaque dos demais, para que reconheçam que eles são diferentes e que pensam diferente. Buscam ser originais, de uma forma que não haja no mundo ninguém igual ou parecido. Ser igual ou parecido com outras pessoas é algo chato, algo que gera uma insatisfação para eles. Ter um corpo normal é incômodo, como é possível notar na resposta da Fabiana sobre como ela se sentia antes de fazer a primeira modificação: “Me achava muito normal, muito careta. Faltava alguma coisa”. (modificada). A maioria dos entrevistados ao responder essa pergunta afirmaram que sentiam que faltava alguma coisa, mas a resposta da Elisa se encaixa melhor na discussão sobre diferença e individualidade: “Eu não achava bonito meu corpo sem modificações, sabe? Faltava alguma coisa. Daí quando tu é menor tu acaba usando umas roupas diferentes e depois tu acaba vendo que não é só roupa diferente... é outra coisa.” (modificada).

Realizar as *body modifications* se torna um caminho para buscar a diferença, uma forma de encontrar a individualidade. “Foi modificando o corpo que

eu busquei a minha individualidade” (Luciano, modificado). Essa individualidade e unicidade fazem com que esses indivíduos se sintam mais seguros e mais completos, pois eles *precisam* se individualizar. “As modificações definem minha personalidade”. (Paula, modificada). Esses sujeitos já pensam diferente, tem uma personalidade incomum, modificar o corpo é a forma que eles encontram para demonstrar isso, para mostrar que são pessoas diferentes. “A individualidade, na real, tu já tem, a modificação é só para você firmar isso. É como se fosse uma auto-afirmação” (Samuel, modificado).

Nessa busca pela diferença, quando eles tentam fugir de um padrão de corpo difundido pelos diferentes tipos de mídia, acabam assumindo uma postura de resistência. Para Lupton, a resistência “inclui modos de contestar ou de não aceitar o conjunto de máximas estabelecidas para a vida cotidiana. [...] Porque [as pessoas] experimentam uma necessidade inconsciente que as faz assumir posições de sujeito e práticas corporais alternativas” (2000, p.18). As *body modifications* certamente se enquadram nessas práticas corporais alternativas, utilizando as modificações os indivíduos mostram que são contra o padrão de corpo tido como norma. A resistência faz com que o sujeito experimente uma sensação de poder, ele pode modificar o corpo e manifestar a sua opinião.

Não é só contra o padrão de corpo tido como norma que essas pessoas afirmam a resistência. Elas podem usar as modificações com o intuito de se rebelar contra diversas coisas, tais como os pais, o estilo de vida que estão levando, a sociedade etc. Essa revolta pode ser encontrada no discurso da Paula sobre os motivos que a levaram a realizar as modificações: “Na real, surgiu de uma rebeldia, mas se tornou uma coisa boa depois. Tipo, eu tinha 16 anos e saí da casa da minha mãe, virei punk e tal... surgiu de uma rebeldia” (modificada). Através das modificações o corpo pode ser usado como uma forma de resistência, como uma forma de se rebelar.

Antes de modificar o corpo, muitos dos sujeitos entrevistados se sentiam incompletos. É como se algo estivesse errado na vida deles. Ao ser questionado sobre como se sentia antes de realizar a primeira modificação corporal, Hugo respondeu: “Preso! Como 95% da população, sabe? Tu quer botar pra fora e não

pode. É um sentimento preso, sabe? Hoje em dia eu não me guardo pra nada.” (modificado). As *body modifications* proporcionam uma sensação de liberdade para essas pessoas, elas adquirem um maior poder sobre o próprio corpo. O Pablo relatou que também buscou as modificações para ter liberdade, como é possível verificar em sua resposta sobre os motivos que o levaram a modificar-se: “por ter liberdade de fazer o que eu gosto, sem restrição nenhuma” (modificado). Ao modificar o corpo esses indivíduos se sentem com um maior poder sobre corpo, esse poder acaba gerando uma liberdade maior, mesmo existindo a pressão da sociedade contra as modificações corporais.

Para o Hugo, as modificações também são uma forma de superar limites:

Fiz as modificações pra se sobressair de uma multidão, é mais uma coisa contigo assim, pra superar limites teus. Eu quero superar, ver como é que é. [...] É mais mesmo pra superação dos limites. Tem gente que do nada, com 70 anos de idade que vai escalar uma montanha, “bah, tenho que superar os limites. Nunca fiz e vou fazer agora”. Só que eu comecei cedo. É mais pessoal, sabe? Cada um tem o seu plano. (modificado)

Superar os limites corporais também é uma forma de experimentar um poder maior sobre o próprio corpo. Quanto mais extrema é a modificação, mais alto é o limite a ser superado. É importante lembrar que o Hugo é a pessoa com mais *body modifications* dentre os sujeitos que participaram deste estudo, apresentando tatuagens, *piercings*, *brandings*, escarificações, implantes e nulificações.

Para alguns indivíduos, principalmente os que se identificam com a tribo dos *modern primitives*, as modificações corporais são feitas com o intuito de marcar alguma fase da vida ou algo importante. Deste modo a modificação passa a funcionar como um signo que faz a pessoa lembrar de algum momento vivido, ela marca uma mudança na vida, servindo para separar fatos que ocorreram antes e depois da modificação.

As *body modifications*, nesse sentido, funcionam como um ritual de passagem, num processo semelhante às sociedades organizadas em tribos, onde

os indivíduos modificam o corpo para simbolizar que estão iniciando uma nova fase, que está ocorrendo uma mudança de comportamento.

É uma passagem, né. Na real, tudo o que eu tenho no corpo vem dos índios, dos astecas, do Egito. Tudo por trás tem um ritual, que nem suspensão, né, tem uma moral, tudo tem uma moral (Hugo, modificado).

É possível comparar as modificações corporais à eventos que funcionam como um ritual de passagem também, como as formaturas, casamentos, batizados etc. Entretanto, esses eventos são organizados de uma forma pública, são como festas para mostrar para às pessoas que está ocorrendo uma passagem, já as modificações possuem um caráter mais individual, mais pessoal, pois muitas vezes, só o indivíduo que possui essa tatuagem, escarificação, *piercing* ou outro é que conhece o significado que está presente na modificação.

As *body modifications* podem servir para marcar acontecimentos na vida das pessoas, são peças que formam uma história, ou ainda, cada modificação possui uma história. “É uma coisa que tu sempre vai lembrar do momento que tu fez e que tu viveu com aquilo, sabe? Cada tatuagem tem a sua história, tenho tatuagens que são símbolos que possuem significados” (Amanda, modificada). “Cada *tattoo* que eu tenho é uma história de vida, eu olho pra aquilo ali e me lembro de uma fase da vida e do que eu fiz antes. [...] As modificações são muito importantes... meu corpo é um livro” (Hugo, modificado).

O corpo é um espaço que essas pessoas usam para marcar uma passagem, uma mudança na vida, marcar o corpo representa um ritual de passagem. O corpo ainda é utilizado para marcar fatos da vida, contar histórias, principalmente com as tatuagens, *brandings* e escarificações por serem desenhos, que representam melhor as histórias. Como foi dito pelo Hugo, o corpo é um livro.

Muitos dos indivíduos com *body modifications* apresentam um desejo de expressar-se, de mostrar ao mundo quem eles são, o que eles pensam e, principalmente, mostrar que são diferentes. O corpo torna-se a plataforma que proporciona que esses indivíduos se expressem.

Algumas pessoas utilizam as *body modifications* como uma forma de carregar arte em seus corpos. Para elas, o corpo sem modificações não tem graça, não tem “vida”, ele precisa de mais cores e formas diferentes. As principais modificações utilizadas para expressar a arte são a tatuagem, a escarificação e o *branding*, pois essas formam desenhos na pele, uma forma melhor para demonstrar os sentimentos e emoções. Quando elas fazem uma tatuagem com esse intuito é como se estivessem escolhendo um quadro para colocar na parede de casa, um quadro carregado de significados para seu dono, a diferença é que este desenho fica marcado na pele para o resto da vida. Deste modo, o corpo acaba funcionando como um “suporte da arte” (PIRES, 2005) e através da arte é possível expressar diversos sentimentos e emoções. O interessante é que essa forma de arte circula pela cidade, acompanhando o indivíduo aonde ele for, não é como uma obra que fica sempre parada no museu.

Como já foi debatido anteriormente, o corpo transcende a função biológica e assume um papel muito importante na cultura, ele possui e produz muitos significados. Os sujeitos extremamente modificados são ótimos exemplos para demonstrar que o corpo apresenta a função de operar como um meio de comunicação. A comunicação é algo extremamente valorizado na cultura ocidental, movimenta uma enorme quantia de capital e, por ser tão valorizada, acaba por influenciar os indivíduos a apresentarem uma vontade ou necessidade de se comunicar.

Modificando extremamente o corpo, esses sujeitos passam a comunicar idéias, ideais, pensamentos, sentimentos, atitudes etc. Deixam à flor da pele estes elementos que a princípio deveriam estar na imaginação ou no subconsciente. Eles utilizam o corpo para expressar *quem eles são*, para marcar uma posição no mundo.

Ao utilizar as *body modifications* como uma forma de comunicação, o sueco Marc Strömberg foi mais além. O *web designer* decidiu publicar a terceira edição de sua revista de uma forma muito inovadora: ela foi publicada em forma de tatuagem na sua coxa. Strömberg pretende publicar a próxima edição da revista – chamada “*Tare Lugnt*” – tatuada em suas costas. Neste caso, o corpo deste

sujeito tornou-se uma revista, exercendo uma função característica do papel, transmitindo as informações e a opinião dos escritores.



Figura 6: revista tatuada na coxa.

Além de servir para comunicar os pensamentos, sentimentos e idéias, o corpo ainda é utilizado em outra área da comunicação: a publicidade. É muito comum encontrar pessoas na rua utilizando roupas que carregam grandes estampas de diferentes marcas e empresas, e as roupas fazem parte da voluminosidade do corpo. Entretanto, as peças de vestuário não fazem parte do corpo em 100% do tempo, diferentemente das modificações corporais. Muitas pessoas realizam *body modifications* com nomes e logomarcas de empresas. Alguns dos entrevistados neste estudo apresentam tatuagens e escarificações com logomarcas de empresas conhecidas nacionalmente e internacionalmente. Estas são propagandas definitivas, no sentido de que ficarão sempre marcadas no corpo, demonstrando que a marca ou empresa é muito importante para aquela pessoa. Qual empresário não ficaria feliz com uma propaganda deste tipo? Mas para este trabalho, o mais importante da “comunicação corporal” está relacionando aos indivíduos usarem as modificações para expressar o que

sentem, para expressar a identidade/diferença, mostrando que um dos significados do corpo é ser utilizado como meio de comunicação, é como se o corpo fosse um *outdoor*.

Analisando os discursos dos entrevistados é possível perceber que eles gostam de ter um estilo de vida alternativo, querem permanecer no meio *underground*. Este aspecto está diretamente ligado com a vontade que eles apresentam de se diferenciarem dos demais, procurando levar um estilo de vida e comportamento diferente. Por modificarem muito as aparências eles acabam tendo que se excluir de alguns ambientes e também são excluídos de muitas áreas do mercado de trabalho, devido ao preconceito. Muitos afirmaram que mudaram o estilo de vida e o comportamento após modificarem muito o corpo.

Tudo muda, tudo muda. Tu começa a andar com pessoas diferentes, tu começa a gostar de coisas diferentes. Na real é um grupo meio fechado até. Tu se torna anti-social, não no sentido de ficar ignorante assim, né, mas por exemplo: tu não vai ir numa festa de pagode ou um certo tipo de público que tu ta excluído daquilo, sabe? Porque não adianta, cara, tu entra nesse mundo e tu se torna outra pessoa, sabe? Tu muda, cara, com certeza tu muda total, total! Da água para o vinho. Na tua musicalidade, tu começa a escutar outras coisas, tu começa a ver outras coisas, começa a sair com outras pessoas, isso é inevitável, tu não tem como evitar, muda sim, muda muito. (Hugo, modificado).

A partir do momento que tu é tatuado e tudo mais, tu começa a freqüentar só um grupo de pessoas, né, são pessoas tatuadas também. Claro que isso não te impede de conviver no meio de pessoas normais né, mas tu fica no meio em que tu se identifica mais, né. [...] Até um tempo atrás quem tinha muitas tatuagens era considerado um drogado e não sei mais o que, né (Paula, modificada).

Existe um preconceito muito grande contra as pessoas que possuem o corpo extremamente modificado, elas são tidas como marginais por grande parte da população, julgamento que também é influenciado pela história da tatuagem no ocidente, já que ela era usada pelos setores marginais da sociedade. A figura de um indivíduo cheio de *piercings* e tatuagens é muitas vezes ligada ao uso de

drogas e a um comportamento agressivo, muita gente acha que esses sujeitos só podem ser loucos. Essa visão da sociedade incomoda alguns dos modificados, como é possível perceber no discurso do Luciano:

a gente vê que ainda há muita resistência da sociedade contra isso, acham que somos marginais. Eu mudei meu comportamento com a profissionalização, eu tive que diminuir os excessos... bebida, álcool, droga, isso tu não pode ter. O engraçado é que as pessoas pensam o contrário, acham que os tatuados são uns drogados, mas o tatuador tem que estar mais sóbrio e mais são do que as pessoas que trabalham em empresas, pois tu depende só de ti, tu tem que fazer bem o teu trabalho. [...] Meus pais aceitam bem, pois eles viram que eu detestava trabalhar usando terno e gravata e que me modificando eu fiquei feliz. Os caras na rua que não gostam não, os vizinhos acham que eu sou maloqueiro. (modificado).

Não é possível definir um padrão de comportamento ou de estilo de vida, pois é uma questão muito subjetiva, há inúmeros objetivos e interesses ao se modificar o corpo. O que é possível afirmar é que para a maioria dos modificados entrevistados neste trabalho existe a vontade de ser diferente. Alguns desses sujeitos são pessoas rebeldes, modificam o corpo para assumir uma postura de resistência já debatida anteriormente.

Cada caso analisado neste trabalho apresenta as suas peculiaridades, por mais que apresentem muitos pontos em comum, eles se diferenciam em alguns detalhes. Cada entrevistado possui uma história, um estilo de vida e um modo de pensar diferente. Os motivos que os levam a modificar extremamente o corpo são diversos, algumas pessoas compartilham dos mesmos motivos e ainda podem apresentar outros diferentes e únicos. No universo da *body modification* é possível encontrar inúmeros significados do corpo modificado.

Interpretando as entrevistas realizadas foram encontrados os três principais motivos que levaram os sujeitos a modificar tanto o corpo, são eles: a vontade de se diferenciar, deixar o corpo mais bonito e construir uma identidade. Estes são os fatores que mais apareceram nos discursos.

O corpo, tão valorizado pela sociedade ocidental, também apresenta um destaque e uma importância muito grande na vida dos sujeitos adeptos das modificações corporais extremas. Pode até parecer o contrário, tendo em vista que o corpo destas pessoas sofre muito com processos dolorosos, como cortes, queimaduras e agulhadas e, ainda, tem partes dele alargadas e até mutiladas, mas é a partir destas intervenções corporais que elas constroem as suas identidades, é assim que elas encontram o verdadeiro “eu”. O corpo modificado apresenta diversos significados, é modificando ele que as pessoas buscam se diferenciar, se tornar mais bonitas, construir identidades, pertencer a determinadas tribos urbanas, contar histórias de suas vidas, buscar a individualidade, representar um ritual de passagem, assumir uma postura de resistência, se expressar através da arte, se comunicar, superar limites e, ainda, apresentar muitos outros significados, pois cada pessoa pode dar significados únicos para o corpo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No campo da educação física é possível encontrar inúmeros trabalhos e pesquisas sobre os aspectos fisiológicos do corpo, como gasto energético, performance e condicionamento físico. É claro que são pesquisas muito importantes, mas o corpo transcende este aspecto, pois está inserido na cultura e ocupa um lugar de muito destaque na vida das pessoas, possuindo e produzindo muitos significados.

A sociedade exerce pressão de diversas formas para que as pessoas mantenham seus corpos dentro de um padrão. Quem se diferencia do padrão socialmente aceito acaba sofrendo preconceito, como é o caso dos indivíduos que utilizam modificações corporais extremas, muitos deles sofrem preconceito diariamente. A tão valorizada liberdade de expressão parece ocupar lugar só nos discursos, pois as pessoas que são diferentes são tratadas, muitas vezes, como doentes.

Todos os sujeitos entrevistados foram muito simpáticos e amigáveis durante a coleta de dados, mostrando que por mais que possam apresentar uma aparência estranha, são pessoas cordiais e agradáveis, sendo assim, julgá-los negativamente por causa de suas aparências não seria justo. Esta constatação remete mais uma vez ao filme “O homem elefante” de David Lynch, pois as pessoas sentiam medo e repulsa ao ver o corpo todo deformado de John Merrick, o personagem principal, e muitas o tratavam com preconceito, mas quando começavam a conversar com ele, percebiam que o mesmo era muito simpático e gentil.

As *body modifications* estão no centro de um campo de batalha entre ciência e arte. São vistas por muitas pessoas, principalmente pelos profissionais da área médica, como uma forma de agressão ao corpo, pois apresentam alguns riscos à saúde e, ao mesmo tempo, há outros que consideram as modificações corporais uma forma de arte, pois expressam sentimentos e emoções. As *body modifications* ainda preservam seu caráter *underground* - por mais que as

tatuagens já estejam bastante difundidas entre os jovens – e esse caráter é muito valorizado pelos sujeitos modificados, esse é um dos motivos que levam eles a serem contra o ato médico, pois na opinião deles o projeto de lei mudaria essa característica.

O corpo é construído com a ajuda do profissional que realizará as modificações no indivíduo, pois às vezes as idéias e intenções do modificado não são operacionais e também há casos em que o indivíduo não sabe ao certo o desenho que ele quer em seu corpo, então a opinião do profissional se torna fundamental. É possível constatar que em muitos casos o corpo é projetado com as idéias de mais de uma pessoa.

Como foi visto neste trabalho, há diversos tipos de modificações corporais, alguns até nem foram citados, pois na tentativa de se diferenciar dos demais, algumas pessoas inventam modificações que nunca foram vistas antes, modificações muito criativas. É possível que no futuro essas pessoas apareçam cada vez mais nas mídias com modificações corporais inovadoras. Numa reportagem do site “g1.globo.com” de dezembro de 2008, foram apresentadas as “tatuagens do futuro”, que são discos transparentes e ultrafinos de plástico capazes de emitir luz e produzir imagens. Esses discos são recheados com transistores feitos a partir de nanotubos de carbono ligados à OLEDs – diodos orgânicos emissores de luz. Por serem pequenos e orgânicos, eles podem ser inseridos na pele humana, permitindo que essas “tatuagens” sejam alteradas por computador ou apresentem imagens “dinâmicas”, como filmes. É possível que no futuro esse novo tipo de modificação corporal torne nossa pele semelhante a um monitor de um computador, assim, poderemos ter até nossos corpos conectados à internet. E não para por aí, a evolução da biotecnologia poderá criar modificações corporais bizarras, como membros artificiais inseridos no nosso corpo. Mesmo que sejam meramente previsões, se elas tornarem-se reais, certamente haverá pessoas dispostas a modificar-se desta maneira, alterando sua aparência humana.

As pessoas adeptas das modificações corporais extremas alteram as cores e as formas de seus corpos para se tornarem diferentes dos demais, é assim que

elas constroem as suas identidades, que são identidades criadas com base nessas diferenças.

Como as *body modifications* são muito valorizadas em algumas tribos urbanas, algumas pessoas as utilizam com o objetivo de pertencer a essas tribos, para serem reconhecidas como membros do grupo, assim elas demonstram que compartilham com os ideais, pensamentos e atitudes dessas tribos. Como muitos indivíduos buscam as modificações para construir a identidade, fazendo parte desses grupos eles podem se basear nas identidades coletivas para construir a sua própria.

A imagem é extremamente valorizada pela sociedade ocidental. Através dela é possível passar uma quantidade enorme de informações, e os sujeitos extremamente modificados estão cientes disso, eles a utilizam para mostrar o que pensam, para afirmar uma posição de sujeito. Eles investem muito na imagem, é por ela que eles representam suas identidades, transformando-a em uma performance para mostrar ao mundo quem eles são e atraindo os olhares para seus corpos espetaculares.

Neste universo das modificações corporais extremas o corpo se torna um projeto. Os sujeitos estudam quantas e quais modificações eles farão para possuir um corpo ideal. Muitas pessoas não conseguem parar de modificar-se, estão sempre querendo fazer mais uma tatuagem, colocar outro *piercing* etc., deste modo, o corpo se torna um projeto sem fim.

O corpo apresenta um valor imenso para os sujeitos modificados, todas as alterações que ele sofre possuem objetivos muito importantes. É modificando o corpo que as pessoas buscam se diferenciar, se tornar mais bonitas, construir identidades, pertencer a determinadas tribos urbanas, contar histórias de suas vidas, buscar a individualidade, representar um ritual de passagem, assumir uma postura de resistência, se expressar através da arte, se comunicar, superar limites e apresentar muitos significados únicos, pois cada pessoa que modifica seu corpo pode apresentar objetivos singulares.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena Wendel. **Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Scritta, 1994.
- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. Usos e abusos dos estudos de caso. **Cadernos de pesquisa**. V.36, n.29, p.637-635. set.-dez. 2006
- DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de pesquisa**. N. 115, p. 139-154. Rio de Janeiro. Mar. 2002
- FREITAS, Giovanina Gomes. **O esquema corporal, a imagem corporal, a consciência corporal e a corporeidade**. Ijuí: Unijuí, 1999.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. *A produção cultural do corpo*. In: LOURO, Guacira Lopes;
- GOLDENBERG, Mirian & RAMOS, Marcelo Silva. Acivilização das formas: o corpo como valor. In: **Nu e vestido: Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. 2º ed. Rio de Janeiro e São Paulo: ed. Record, 2007.
- FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 28 – 40.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1992.
- FRAGA, Alex Branco. Anatomias emergentes e o *bug* muscular: pedagogias do corpo no limiar do século XXI. In: **Corpo e História**. São Paulo: ed. Autores associados. p. 61 – 70, 2004.
- HALL, Stuart. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 9º ed. 2009.
- HEILBORN, Maria L. *Corpo, sexualidade e gênero*. In: DORA, Denise Dourado (Org.). **Feminino, Masculino: igualdade e diferença na justiça**. 1997.
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica editora. 2004.
- LUPTON, Deborah. Corpos, prazeres e práticas do eu. **Educação e Realidade**. Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 1, jul.-dez. 2000.

MAHEIRIE, Kátia. **Agenor no mundo**: um estudo psicossocial da identidade. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1994.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

PÉREZ, Andrea Lissett. A identidade à flor da pele: etnografia da prática da tatuagem na contemporaneidade. **Mana**. Rio de Janeiro, n. 1, v.12. jan.-abr. 2006.

PIRES, Beatriz Helena Fonseca Ferreira. **O corpo como suporte da arte**: piercing, implante, escarificação, tatuagem. São Paulo: SENAC São Paulo, 2005.

PROJETO DE LEI 7703/2006, Senado Federal.

ROBERTI, Jonathan W. Sensation seeking, exposure to psychosocial stressors, and body modifications in a college population. **Personality and individual differences**. V.37, p. 1167 – 1177, out. 2004.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Etnografia: saberes e práticas. **Ciências humanas: pesquisas e métodos**. Porto Alegre: editora da UFRGS, 2008.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu do corpo**. Dissertação de mestrado apresentada no programa de pós-graduação em antropologia social do museu nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 1986.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. Descobrir o corpo: uma história sem fim. **Educação e Realidade**. Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 1, jul.-dez. 2000.

SCHILDKROUT, Enid. Inscribing the body. **Annual review of anthropology**. New York, v. 33, p. 319 – 344, out. 2004.

SHILLING, Chris. **The body and social theory**. Londres: Sage, 1993.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 9º ed. 2009.

SILVEIRA, Rosa Maria. A entrevista na pesquisa em educação – uma arena de significados. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 119 – 141.

STAKE, Robert E. **Investigación con estudios de casos**. Madrid: ed. Morata, 2007.

STIGGER, Marco Paulo. **Esporte, lazer e estilos de vida: um estudo etnográfico.** São Paulo: ed. Autores associados, 2002.

SWEETMAN, Paul. **Anchoring the (postmodernman) self? Body Modification, Fashion and Identity.** Body Society, 1999.

TATE, James C. Personality correlates of tattooing and body piercing in a college sample: The kids are alright. **Personality and individual differences.** Murfreesboro, v. 45, p. 281 – 285, set. 2008.

VERGARA, Ricardo Lopez. Cuerpos Transgresores/Cuerpos transgredidos: Carne y memoria marcadas. Los jóvenes y sus prácticas de modificación corporal. **Ultima década.**, Santiago, v. 15, n. 26, jul. 2007.

WOJCIK, Daniel. **Punk and neo-tribal body art.** University press of Mississippi, 1995.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 9º ed. 2009.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** 3º ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

APÊNDICES

6.1 APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

1. Natureza da pesquisa: você está sendo convidado a participar da pesquisa “OS SIGNIFICADOS DO CORPO PARA AS PESSOAS ADEPTAS DAS MODIFICAÇÕES CORPORAIS EXTREMAS” vinculada à Escola de Educação Física da UFRGS, que tem por finalidade interpretar quais são os significados do corpo para as pessoas que são adeptas das modificações corporais extremas, os motivos sócio-culturais que levam os jovens a realizar tais práticas e o comportamento dessas pessoas.

2. Participantes da pesquisa: O principal investigador é o acadêmico Leonardo Loeck, o qual pode ser contatado pelo telefone (51) 92415554, sob orientação do Professor Dr. Alex Branco Fraga que pode ser encontrado pelo telefone (51) 3308.5821. Caso queira, você pode esclarecer qualquer dúvida diretamente com a COMISSÃO DE PESQUISA DA UFRGS pelo telefone 3308.5875.

3. Sobre as entrevistas: Trabalharemos com entrevistas individuais semi-estruturadas, com duração entre 15 a 20 minutos, para colher informações sobre os significados do corpo para as pessoas com modificações extremas. Estas entrevistas serão gravadas e depois transcritas.

4. Riscos e desconforto: Sua participação nesta pesquisa não traz complicações legais, nem riscos a sua saúde ou a sua dignidade. O inconveniente maior será a dedicação de um tempo para responder às questões da entrevista. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com seres humanos conforme Resolução número 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

5. Confidencialidade: Os dados obtidos serão utilizados pelos estudantes e professores da Escola de Educação Física da UFRGS para a elaboração/publicação de Trabalho de Conclusão de Curso. O material resultante do trabalho será dispensado e apagado. Todas as informações coletadas nesta pesquisa são estritamente confidenciais. Em todas as etapas da pesquisa será preservada sua identidade, assim como as identidades de todas as pessoas por você referidas.

6. Benefícios: Ao participar desta pesquisa você não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que esta pesquisa acarrete informações relevantes para que, de algum modo, sejam interpretados os significados do corpo para as pessoas com modificações corporais extremas.

7. Despesas: você não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que seguem abaixo:

Eu, _____ acredito ter sido suficientemente informado a respeito do que li ou do que foi lido para mim, descrevendo o estudo "OS SIGNIFICADOS DO CORPO PARA AS PESSOAS ADEPTAS DAS MODIFICAÇÕES CORPORAIS EXTREMAS". Concordo voluntariamente em participar deste estudo, sabendo que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante a realização do mesmo.

_____/_____/_____
Assinatura do sujeito ou representante legal Local Data

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste sujeito ou de seu representante legal para a participação neste estudo.

_____/_____/_____
Assinatura do responsável pela pesquisa Local Data

6.2 APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA

1- Dados de identificação: nome, idade, nível de escolaridade, religião e atividade de trabalho.

2- Quantas modificações corporais você possui?

3- Quando você fez sua primeira modificação corporal?

4- Quantas modificações corporais você ainda pretende fazer?

- 5- O que te levou a fazer tantas modificações?
- 6- Houve alguma mudança no seu estilo de vida após as modificações corporais?
- 7- O que seus familiares e amigos pensam sobre seu estilo de vida?
- 8- Você sofre ou já sofreu algum tipo de preconceito por causa de suas modificações corporais?
- 9- Está satisfeito com o corpo que você possui?
- 10- E como você se sentia antes de fazer as modificações corporais?
- 11- Você faz parte ou já fez parte de algum grupo?
- 12- Você se espelha em alguém pra te inspirar nas modificações corporais?
- 13- Você acha que algum dia vai ter vontade de voltar a ter uma aparência física anterior à primeira modificação corporal?
- 14- Qual é a sua opinião sobre o art. 4º parágrafo III do projeto de lei 7703/2006?

6.3 APÊNDICE C – CARTA DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UFRGS



U F R G S
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA

Comitê De Ética Em Pesquisa Da Ufrgs



CARTA DE APROVAÇÃO

O Comitê De Ética Em Pesquisa Da Ufrgs analisou o projeto:

Número: 17416

Título: Os significados do corpo para as pessoas adeptas das modificações corporais extremas

Pesquisadores:

Equipe UFRGS:

ALEX BRANCO FRAGA - coordenador desde 02/04/2009
LEONARDO LOECK - pesquisador desde 02/04/2009

O mesmo foi aprovado pelo Comitê De Ética Em Pesquisa Da Ufrgs, em reunião realizada em 27/05/2010 - Sala de Reuniões do Gabinete do Reitor (Ex Salão Vermelho) - Prédio Reitoria, 6º andar, por estar adequado ética e metodologicamente e de acordo com a Resolução 196/96 e complementares do Conselho nacional de Saúde.

Porto Alegre, Quinta-Feira, 27 de Maio de 2010

JOSE ARTUR BOGO CHIES
Coordenador da comissão de ética

6.4 APÊNDICE D – EXEMPLO DE UMA ENTREVISTA: ENTREVISTANDO O HUGO

1- Dados de identificação: nome, idade, nível de escolaridade, religião e atividade de trabalho.

Nome: “Hugo”.

Idade: “31 anos”.

Nível de escolaridade: “ensino médio completo e curso técnico”.

Religião: “católico”.

Atividade de trabalho: “sou *piercer* e faço outras *body modifications*”.

2- Quantas modificações corporais você possui?

“Tenho muitas *tattoos* (até uma *tattoo* de neon, que brilha no escuro), *piercings*, escarificações, implantes, *brandings*, nulificações e também já fiz suspensão corporal”.

3- Quando você fez sua primeira modificação corporal?

“Eu tinha 12 anos quando fiz minha primeira *tattoo* na perna”.

4- Quantas modificações corporais você ainda pretende fazer?

“Vou fazer mais *tattos*, escarificações e *brandings*. Implantes eu já não sei, pois como eu pratico jiu-jitsu, pode atrapalhar. De *piercings* eu já desisti”.

5- O que te levou a fazer tantas modificações?

“Desde pequeno quando eu olhava para as pessoas diferentes na rua eu pensava “bah, que legal. Quero ser assim quando eu crescer”, sempre achei isso, sempre, sempre, sempre. Mesmo meus pais sendo criados lá pra fora, numa família mais tradicional. Mas a cidade estraga o cara! Daí eu comecei a fazer aos poucos, até que eu dei um peitão, comecei a fazer mais e a trabalhar com *body piercings* e daí não parei mais. Depois que eu tatuei a cara, eu tive que viver disso, né, aí deu, porque infelizmente ainda tem muita discriminação. Aqui no

Brasil o pessoal é muito cabeça fechada, principalmente aqui no Rio Grande do Sul. Fiz as modificações pra se sobressair de uma multidão, é mais uma coisa contigo assim, pra superar limites teus. Eu quero superar, ver como é que é... é uma passagem, né. Na real, tudo o que eu tenho no corpo vem dos índios, dos astecas, do Egito. Tudo por trás tem um ritual, que nem suspensão, né, tem uma moral, tudo tem uma moral. Cada *tattoo* que eu tenho é uma história de vida, eu olho pra aquilo ali e me lembro de uma fase da vida que eu fiz antes. É mais mesmo pra superação dos limites. Tem gente que do nada, com 70 anos de idade que vai escalar uma montanha, “bah, tenho que superar os limites. Nunca fiz e vou fazer agora”. Só que eu comecei cedo. É mais pessoal, sabe? Cada um tem o seu plano. As modificações são muito importantes, meu corpo é um livro.”

6- Houve alguma mudança no seu estilo de vida após as modificações corporais?

“Total! Total! Principalmente com a discriminação. Tudo muda, tudo muda. Tu começa a andar com pessoas diferentes, tu começa a gostar de coisas diferentes. Na real é um grupo meio fechado até. Tu se torna anti-social, não no sentido de ficar ignorante assim, né, mas por exemplo: tu não vai ir numa festa de pagode ou um certo tipo de público que tu ta excluído daquilo, sabe? Porque não adianta, cara, tu entra nesse mundo e tu se torna outra pessoa, sabe? Tu muda, cara, com certeza tu muda total, total! Da água para o vinho. Na tua musicalidade, tu começa a escutar outras coisas, tu começa a ver outras coisas, começa a sair com outras pessoas, isso é inevitável, tu não tem como evitar, muda sim, muda muito.”

7- O que seus familiares e amigos pensam sobre seu estilo de vida?

“No começo foi difícil, como qualquer pai, choca. Por exemplo: eu, mesmo sendo desse jeito, não quero que meu filho seja assim como eu, quero instruir ele pro lado do bem e ele tem que decidir o que quer. Mas eu provei para os meus pais que tu pode ser uma pessoa diferente e continuar sendo uma pessoa pura, né. O que muda é a casca, né. Eu faço tudo que uma pessoa normal faz, só que com uma casca diferente. Hoje em dia meu pai é um fabricante de alargadores.

Hoje em dia eles me ajudam, eles viram que é um mundo legal, que é uma comunidade grande, e na real são pessoas mais legais do que as outras, né”.

8- Você sofre ou já sofreu algum tipo de preconceito por causa de suas modificações corporais?

“Isso aí é direto, é 24 horas, aonde eu vou e aonde eu ando, não tem. Muita gente gosta e muita gente discrimina, acha feio. Mas eu vou te dizer o que que eu sou: eu sou o sonho das pessoas. O que que é? Todo mundo olha pra mim e acha ridículo, mas ela queria ter uma *tattoo* no pescoço, ela não pode porque o emprego não deixa, porque a mulher não deixa, porque o pai não deixa... ou tu olha e diz “bá, que ridícula aquela *tattoo* no braço”, mas ele queria ter aquela *tattoo* no braço, ele só não faz porque tem muita coisa que não pode, porque tem discriminação com tudo, então o que acontece? Eu sou o sonho das pessoas, elas ficam sonhando com aquilo e não pode. Quantas pessoas já me falaram “bá! Que legal, como eu queria ter uma tatuagem na cabeça e não posso”, isso acontece direto. Então eu sou o desejo das pessoas. Eles dizem “bá, eu queria poder ter isso aí”. Olha que não é só um ou dois, é todo mundo, todo mundo quer ter, se tu for ver, todo mundo quer fazer uma *tattoo* hoje em dia.”

“Já chegaram a me xingar, tem gente que não senta do meu lado no ônibus. Tem muita coisa, e isso é todos os dias. A coisa ta melhorando até, mas a cultura deles ainda não ta daquele jeito que acho que deveria estar. Na minha opinião é um povo meio sem cultura, eles não procuram saber por que aquele cara é daquele jeito, sabe? Não, eles falam que o cara é ridículo, que o cara é um monstro. Eles não estudam. E eu não posso nem dar bola, porque minha cultura ta lá em cima, eu posso dar uma aula pra ela se eu quiser, mas elas nem dão bola. Bom, sofrer, o cara sofre. Só que tu sofre por causa de um *piercing* na boca, porque tu é cabeludo, porque tu usa um tênis colorido, porque tu usa um coturno, tudo. Não só o visual do corpo, mas roupas também, tudo. O cara quando é ignorante vai te discriminar por causa de um *piercing*, por causa do teu cabelo... alguma coisa ele vai achar, alguma coisa ele vai”.

9- Está satisfeito com o corpo que você possui?

“Na real eu queria apagar tudo e fazer tudo de novo, cada dia que passa fazer uma coisa nova. Só que bá! Eu só tenho um corpo! Eu queria ter seis braços, cara, ter quatro pernas... aí ia ser legal”.

10- E como você se sentia antes de fazer as modificações corporais?

“Preso! Como 95% da população, sabe? Tu quer botar pra fora e não pode. É um sentimento preso, sabe? Hoje em dia eu não me guardo pra nada.”

11- Você faz parte ou já fez parte de algum grupo?

“Nunca me denominei de um grupo, sabe? Mas dentro da tatuagem existe o grupo dos tatuadores, a gente anda com outros tatuadores e tudo. Claro, tem o grupo dos modificados, dos que tem modificações extremas, mas tem poucas pessoas, não é todo mundo, daí tem o grupo que a gente se relaciona e sai. Mas eu conheço gente de tudo que é jeito, desde o mais pobre ao mais rico, preto, branco, amarelo, indígena... qualquer cor, conheço gente de tudo que é raça, saio com todo mundo, me dou com todo mundo. Na real, até no grupo dos modificados tem o grupo dos *modern primitives*, que é um grupo muito pequeno... no Brasil tem gente assim, mais no Rio de Janeiro e em São Paulo. A definição desse grupo é “personalidade múltipla controlada”, é esse tipo de povo aí... infelizmente é minoria, né, infelizmente, mas está crescendo cada vez mais”.

12- Você se espelha em alguém pra te inspirar nas modificações corporais?

“Sempre olho em sites de modificações corporais extremas, sempre estou olhando alguma coisa assim... mas to sempre prestando atenção em filmes, desenhos... tudo eu presto atenção, tudo eu olho, tudo é uma fonte de inspiração... alguma coisa que acontece, alguma coisa que te marcou na vida, que tu quer marcar aquela parte da tua vida. Todo dia eu tenho uma idéia nova, pena que eu só tenho um corpo”.

13- Você acha que algum dia vai ter vontade de voltar a ter uma aparência física anterior à primeira modificação corporal?

“Nunca! Nunca mesmo! Não, até porque não dá, né, cara, não tem como. Não dá, não tem volta, cara”.

14- Qual é a sua opinião sobre o art. 4º parágrafo III do projeto de lei 7703/2006?

“Na real, cara... eu vou te dar os lados da moeda: o médico é contra porque é ilegal, ele passou 10 anos estudando pra um cara que não estudou fazer. Tem o lado dele e tem o outro lado, ta? Outra coisa: tu acha que um médico vai parar duas horas do tempo dele pra fazer uma escarificação de 100 reais, por exemplo? Ele não vai querer parar, entendeu? Já funciona aquele lance de status social... tem muita questão sobre isso. Acho que é ridículo um médico ser tatuador. Tu acha que um médico vai parar pra tatuar um cara por duas horas? Tatuagem e *piercing* é uma coisa que vem de cultura, é totalmente diferente da medicina. Na medicina tu estuda pra consertar o cara. A modificação corporal não tem nada a ver com isso, não to te consertando, não to fazendo uma plástica. Para o médico tudo isso aí, desde a *tattoo*, é errado. A *tattoo* tu ta botando uma tinta que é tóxica na tua pele, só que ela não ultrapassa a segunda camada da pele, ela fica na primeira, porque se não ia dar um problema maior. Se a tinta ultrapassasse a segunda camada da pele daria câncer e não ia ter como se tatuar”.

“O inimigo número um da modificação corporal é o cirurgião plástico, o cara estudou pra tirar uma cicatriz e vem um cara queimado, todo cortado e pendurado... pô, cara, vai tudo contra a ética que ele estudou, sabe? Por isso que eles são contra, entendeu? E tem aquela velha história, cara: os bons pagam pelos maus. Vou dar um exemplo dos dentistas, vou arrebentar com eles também: Tem gente que faz limpeza nos dentes aqui no centro por dez reais, e tem um cara lá que cobra 200 reais. Qual é a diferença? Tem que ter uma diferença, não tem? Impossível tu dizer que não. Tudo que é ramo de trabalho tem o cara que é vagabundo, que queima o filme e tem o cara que faz direito. Na *tattoo* também tem. Na *tattoo* tem o cara que faz feio e o cara que faz bem, no *piercing* tem... tudo tem. Então ele não pode isolar um pessoal, porque no ramo dele também

tem. Tem cirurgião lá que faz cirurgia por 100 pila, e têm outros que fazem por 10 mil... O cara ali coloca silicone por 100 reais e outro por 6 mil. Pelo amor de Deus, né, não precisa ser muito inteligente pra saber, né? Então a *tattoo* também tem isso. Esses que queimam o filme, o que acontece? Eles mostram isso aí na TV. Não mostra o cara que faz direitinho, o cara que estudou, eles só mostram as coisas ruins. Dos médicos aparecem mais as coisas boas. *Tattoo* só aparece droga na TV... agora até que não, por exemplo, no Gugu aparece, no Faustão... aparece o pessoal tatuado, aparece a convenção, até ta mais legal assim, porque antes só mostrava droga, só falava mal. Quando é médico, o que aparece? Aparece mulher com silicone, mulher com bocão, aparece o doutor que fez... só aparece coisa linda... eles não mostram *um* problema, e não é só uma, são vários problemas que acontecem e eles não mostram, entendeu? “O fulano morreu na mesa, o outro deixou a tesoura dentro do cara”... ninguém mostra isso aí. É todo o dia que isso acontece, cara. O erro médico acontece todo o dia. Pô, a gente aqui pra fazer um *piercing* utiliza três pares de luva no mínimo, o cara lá utiliza a mesma luva pra tudo. O meu dentista, um cara formado, com cabelo branco, que tem história, eu fiquei só cuidando ele... com a mesma luva que ele tava mexendo em mim, ele fazia tudo: ele mexeu no cabinho da água, mexeu na lâmpada, pegou na lâmpada... cara, tudo ele fazia com aquela luva que ele tava usando pra botar dentro da minha boca... e é um cara formado, que tem nome. Quer dizer que se eu for formado eu posso fazer o que eu quiser? Fazer qualquer coisa que não dá nada? Se tu denuncia um cara desses, o que acontece? Ele fecha o consultório e abre outro do outro lado da rua. E ainda querem vir pra cima de nós porque fazemos um negocio invasivo, sai sangue e tudo, pode ter contaminação. É difícil tu ver noticia de pessoal que pegou AIDS, de gente que morreu... é raro. Quantos casos que eu já vi de médicos que fizeram o tratamento errado e cobraram caro. Teve uma guria que foi enrolada por um medico, ela queria tirar um quelóide e o médico ficou marcando sessões para aplicar corticóide, pra depois vir dizer que tem que tirar com cirurgia. Quelóide só dá pra tirar com cirurgia. Eu já tirei quelóide de uma pessoa e cobreí um valor x e ficou perfeita a orelha da pessoa, e o cara me disse que se fosse no médico ele ia ficar dois anos pagando. Por isso

que eles não gostam do cara, entendeu? Porque às vezes o cara é até mais certo do que eles se tu for ver. Eu vejo muito mais erros pro lado deles do que pro nosso. E agora a gente tem que ter alvará, se não tem não pode abrir, então a coisa tá melhor. A melhor coisa seria legalizar a profissão do tatuador e do *piercer*, aí sim, aí eles poderiam exigir e poderiam fazer o que quisessem, porque daí o cara pode ganhar INSS e tudo, né, ia ser bem melhor”.